



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

Claudia Ferreira Cavendish

PROGRAMA BB EDUCAR:

Reflexões sobre os desafios e perspectivas pedagógicas do período inicial de alfabetização no
Projeto desenvolvido com funcionários voluntários no ano de 2011

Brasília, 2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Claudia Ferreira Cavendish

PROGRAMA BB EDUCAR:

Reflexões sobre os desafios e perspectivas pedagógicas do período inicial de alfabetização no Projeto desenvolvido com funcionários voluntários no ano de 2011

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília, dezembro de 2011

Claudia Ferreira Cavendish

PROGRAMA BB EDUCAR:

Reflexões sobre os desafios e perspectivas pedagógicas do período inicial de alfabetização no Projeto desenvolvido com funcionários voluntários no ano de 2011

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Profa. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dra. Norma Lúcia Neris de Queiroz
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, dezembro de 2011.

A toda minha família pelos momentos em que sentiram minha ausência em suas vidas: meus amados filhos Lucas e Mateus e meu marido Magno cuja compreensão, companheirismo e apoio estruturante foram determinantes para a finalização dessa jornada.

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me abençoado com o espírito da curiosidade e busca do conhecimento, com a força e a perseverança de enfrentar desafios e, acima de tudo, pela fé que tenho no ser humano.

Aos meus queridos pais pelo esforço que dedicaram durante suas vidas, para me presentear com todas as oportunidades de estudo que tive e pelo exemplo de que o trabalho honesto e responsável é a fonte da dignidade e integridade do ser humano.

À minha irmã Inês por sua escuta sensível, pelo amparo emocional e pelas oportunas orientações que clarearam meu caminho.

Às minhas irmãs Roberta e Luciana pelo compartilhamento de suas vivências profissionais na prática docente que tanto me auxiliaram e inspiraram nesse caminho.

À minha amiga Neuza pelo sopro de força que me deu momentos antes de eu pensar em desistir, organizando minhas próprias prioridades e dando sentido ao esforço máximo ao fim da corrida.

Aos meus colegas de trabalho que, ao longo do tempo se tornaram amigos e compartilharam seus conhecimentos e experiências, em especial àqueles que me incentivaram e acreditaram no meu sonho e no meu potencial: Cristina Ohashi, Vânia Souza, Zileide Ascenso, Edgard Amoroso e Maurício Lyra.

A todo corpo docente da Faculdade de Educação pela oportunidade de aprendizagem e pelo exemplo de profissionalismo, dedicação e competência, em especial, às professoras Norma Lucia e Danielle Xabregas pela compreensão e palavras de incentivo.

Aos “meus” queridos educandos pela oportunidade que me deram de exercer a prática docente, pelo compartilhamento de suas trajetórias de vida, e pelo exemplo de persistência perante os desafios da vida.

À professora Sonia Marise, minha orientadora de projeto e grande inspiração de comprometimento e engajamento com a educação, enquanto possibilidade de construção da autonomia dos sujeitos. Sônia, mais um anjo na minha vida.

RESUMO

O tema de pesquisa abordado neste trabalho versa sobre uma reflexão das ações educacionais implementadas no Programa BB Educar, no ano de 2011, a partir do registro de observações, planejamentos, reuniões de trabalho, práxis pedagógica e reflexões sobre a importância e a efetividade desta ação educacional em especial. O tema foi escolhido considerando a educação de jovens e adultos uma possibilidade de contribuição para a superação do analfabetismo no País. O Programa BB Educar, desde a formação dos educadores até o acompanhamento pedagógico, pretende privilegiar o conceito de Educação Popular a partir do qual o sujeito da aprendizagem é participativo e colaborativo, respeita o outro, se constrói e reconstrói na coletividade, favorecendo o movimento de formação continuada: da cidadania, da reflexão sobre a realidade, da ética, do estar no mundo. A observação da realidade é frequentemente contrastada com o referencial teórico de forma que tais referências permitissem a reflexão e a crítica sobre as nuances entre teoria e práxis pedagógica, sendo inevitável a apreensão do problema proposto: em que medida o Programa BB Educar pode se constituir um facilitador da relação entre alfabetizando e alfabetizador? Foram apresentados os planos e os registros das aulas a fim de que seja possível ao leitor o encadeamento dos acontecimentos e a análise crítica e comparativa entre teoria e prática, as implicações positivas e negativas desse processo, dificultadores e facilitadores da práxis pedagógica, comprometimento dos educandos, atingimento ou não do objetivo de aprendizagem. A partir da minha formação acadêmica, proponho-me a descrever, analisar e refletir sobre o processo ensino-aprendizagem observado no referido período de realização do BB Educar na tentativa de acrescentar a ele a vivência e a experiência acumuladas no curso de Pedagogia.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos, educação popular, planejamento de ensino e autonomia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sala de aula EJA.....	121
Figura 2: Fichas do Alfabeto Móvel – BB Educar	121
Figura 3: Quadro Valor de Lugar (QVL).....	122
Figura 4: Falando das profissões	122

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vii
LISTA DE FIGURAS	viii
APRESENTAÇÃO	12
I PARTE	14
MEMORIAL: VIVENDO E APRENDENDO	15
II PARTE	21
CAPÍTULO 1	22
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA NO BRASIL	22
1.1. Trajetória da EJA no Brasil e base legal atual	22
1.2. Pressupostos Teóricos da Educação Popular: Paulo Freire e o sentido político da EJA	26
1.3. Alfabetização e letramento na EJA	30
1.4. Minha formação de EJA na Faculdade de Educação e no Projeto IV - Experiência no Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul	31
1.5. Economia Solidária: Ampliação do conceito de Educação Popular e cidadania na EJA – uma experiência no Distrito Federal	33
2. CAPÍTULO 2	37
O PROGRAMA BB EDUCAR COMO PROPOSTA DE EDUCAÇÃO POPULAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	37
2.1. Contexto histórico do Programa	37
2.2. Pressupostos teórico-filosóficos do Programa	39
2.3. Objetivos, Operacionalização e Indicadores do Programa	44
2.4. Concepção Metodológica do BB Educar	44
2.5. Prática Pedagógica na Vila Planalto a partir das Diretrizes do Programa	46
2.5.1. Planejamento de Ensino	49
2.5.2. Planos de Aula e Registros Pós-Aulas	50
Planejamento Pedagógico – Aula 01	51
Planejamento Pedagógico – Aula 02	63
Planejamento Pedagógico – Aula 03	71
Planejamento Pedagógico – Aula 06	86
Planejamento Pedagógico – Aula 07	93
Planejamento Pedagógico – Aula 08	100
2.6. Formulários Utilizados	104
2.7. Análise e reflexões sobre a Prática Pedagógica enquanto educadora BB Educar	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
PARTE III	115
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS E FORMAÇÃO CONTINUADA	116
REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA	118
APÊNDICE	121
ANEXOS	123

APRESENTAÇÃO

Este trabalho está dividido em três momentos descritos a seguir: I Parte – Memorial, II Parte - Desenvolvimento e III Parte – Perspectivas Profissionais e Formação Continuada.

Na primeira parte, descrevo breve **Memorial** sobre o percurso da minha vida no qual relato minha trajetória escolar, acadêmica e profissional, além de me situar no âmbito familiar, social e cultural em que cresci e formei minha personalidade, minhas opiniões, visões de mundo e de ser humano. Narro também as principais influências de pessoas e fatos em minha vida que reorientaram minhas decisões profissionais e que reforçaram meus valores e princípios.

Na segunda parte, apresento os registros que constituem o **Desenvolvimento** deste Trabalho de Conclusão de Curso, a partir do seguinte objetivo: refletir sobre a prática pedagógica do Programa BB Educar, a partir de sua implementação em outubro 2011 até o fim de novembro do mesmo ano (1º bimestre de aplicação), no núcleo Vila Planalto, no Distrito Federal, observando os seguintes parâmetros: oportunidades criadas em favor da dialogia entre educadores e educandos; condições concretas de mobilidade e participação dos educandos e relação teoria e prática.

Para o alcance desse objetivo, optou-se pelas técnicas da observação direta ativa e participativa e da aplicação de entrevistas (registro das percepções dos educandos e dos educadores). Também foram gerados relatórios sobre o planejamento das aulas, e registros pós-aulas, assim como sobre as observações realizadas. Toda a análise desse trabalho teve como base o projeto político-pedagógico concebido pelo Programa e o documento legal que orienta as ações da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

A pesquisa bibliográfica baseou-se na consulta e leitura de autores da Ciência da Educação, Psicologia e Sociologia, cujo estudo suporta o referencial teórico, e na leitura das teses de doutorado do Professor Renato Hilário dos Reis e da Professora Sonia Marise, ambos professores titulares da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Os sujeitos da pesquisa compreendem educadores dos núcleos de alfabetização de Vila Planalto, incluindo educandos, coordenadora pedagógica de Brasília e comunidade escolar.

Os procedimentos metodológicos de pesquisa referem-se a um conjunto de ações descritas abaixo:

1. Acompanhar um Núcleo de Alfabetização no Distrito Federal;
2. Identificar as metodologias utilizadas pelas educadoras do Núcleo Vila Planalto, que guardam ou não identidade com a concepção metodológica adotada pelo BB Educar;
3. Discriminar fatores positivos e negativos que atuam na operacionalidade do programa; e
4. Discorrer sobre as condicionalidades em relação à efetividade do programa.

Assim, a segunda parte está estruturada em dois capítulos.

No Capítulo 1, trato da trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Essa contextualização torna-se fundamental, pois a partir do resgate do passado, podemos projetar as possibilidades de futuro, até chegar à constatação sobre a realidade da EJA tal como hoje se apresenta no Distrito Federal. Para efeito dessa contextualização, será apresentado um sucinto histórico sobre as ações da Educação de Jovens e Adultos no País, ao longo de décadas, desde a colônia até os dias atuais: concepções políticas e ideológicas, participação do Estado e da iniciativa privada, grandes nomes e programas, melhores práticas e casos de nenhuma efetividade.

No Capítulo 2, aprofundo minha análise já me debruçando sobre o campo investigativo (objeto de estudo: Programa BB Educar), antes de tudo tomando como base o referencial teórico sobre o assunto, bases legais, anotações e registros de aulas, vivências e projetos desenvolvidos ao longo do curso, assim como documentos norteadores do próprio Programa BB Educar.

A terceira parte refere-se ao momento em que discorro sobre minhas **Perspectivas Profissionais e Formação Continuada**, oriento o encerramento do trabalho na certeza de que todas as ações descritas e estudadas foram fruto do esforço acadêmico despendido ao longo de toda a graduação. Do mesmo modo que são fruto das minhas participações em atividades de pesquisa e extensão no âmbito da Universidade de Brasília e de que minhas perspectivas profissionais são o melhor indício da continuidade desse trabalho investigativo e propositivo acerca das questões educacionais de jovens e adultos em nosso País.

I PARTE

MEMORIAL: VIVENDO E APRENDENDO

1. Nascimento, infância e educação dos pais.

Nasci em Recife – Pernambuco, contudo, não criei raízes nordestinas, pois ainda menina, mudei-me para Brasília – Distrito Federal, onde cresci, estudei, constituí família e me estabeleci. Filha de pai médico, e de mãe formada em magistério, porém não atuante.

Apesar da origem humilde e dos diversos obstáculos e dificuldades enfrentados para calcar sua trajetória acadêmica, meu pai formou-se em Medicina. Lembro-me ainda de seus relatos permeados de orgulho, contando aos seis filhos que, por várias vezes, teve que optar entre pagar o bilhete de trem para ir à faculdade ou ficar sem comer por quase todo o dia, apenas com a refeição matinal. Ou ainda ir a pé caminhando grandes distâncias para que lhe sobrasse recurso para se alimentar durante o período de estudo.

Meu pai era um autodidata em línguas estrangeiras, nutria paixão pela leitura e era dotado de uma inteligência investigativa acentuada. Entre seus autores preferidos, destacava Monteiro Lobato, Machado de Assis, Miguel de Cervantes, Dostoiévski, Fernando Sabino, Humberto Eco entre tantos outros. Ele lia, lia, e lia muito. Sempre vi meu pai devorando livros. Sabemos que a criança aprende o que vive, e que neste sentido as palavras comuns pouco têm a dizer. Foi diante deste exemplo que aprendi que estudar é muito gratificante.

Sua forma de encarar os obstáculos que a vida lhe apresentava transmitiu a mim certa autonomia e independência, tornando-me uma pessoa consciente de onde queria chegar e os caminhos que deveria tomar para alcançar meus objetivos. As condições sócio-econômicas da minha família proporcionaram-me estudar em colégios particulares conceituados na capital federal onde sempre tive desempenho satisfatório, entretanto sem perder de vista que tudo o que me era oferecido era fruto do trabalho e que eu deveria corresponder à altura todo o esforço dos meus pais, atentos à formação profissional de seus filhos.

Por outro lado, a família de origem da minha mãe tinha melhores condições econômicas que a do meu pai. Apesar de morarem no interior do estado de Pernambuco, meu avô era dono da única farmácia da cidade. Meu avô possibilitou a todos os seis filhos um estudo de qualidade. Às mulheres coube o magistério, como era de costume na época. Não vi em minha mãe

entusiasmo pela profissão quase imposta, mas minhas tias abraçaram com dedicação e entusiasmo a tarefa de ensinar.

Assim, fui testemunha da atuação profissional de uma de minhas tias que ministrava aulas a crianças com necessidades especiais. Em uma dessas visitas percebi o carinho, dedicação, conhecimento e competência que minha tia dispensava a seus alunos. De outro ponto estava minha mãe, totalmente desprovida de entusiasmo e de idealismos que a educação nos permite sonhar. Desde então, minha mãe decidiu não seguir a profissão e se dedicou bravamente à educação dos filhos, sensível que era sobre a importância de uma sólida formação educacional para eles.

Hoje, mais madura que me sinto, não a critico nem a julgo. Por felicidade do ser humano, temos a extraordinária possibilidade de avaliar, aprender, avaliar e decidir. E depois avaliar, aprender, avaliar e decidir de novo tantas vezes quanto nossa humanidade permitir e fico feliz por ter tomado como exemplo de entrega e profissionalismo, a atuação de minha tia no processo educativo.

2. Vida escolar

Fui alfabetizada por meio de “cartilha”, quando a exclusividade era dos métodos tradicionais, fazendo da decodificação e memorização das letras a única porta de entrada para o mundo da leitura. Nessa mesma linha de raciocínio também decorei a tabuada.

Os anos escolares transcorreram sem maiores dificuldades, era uma aluna caprichosa e interessada. Não sei se por característica de minha geração, sempre estudei sozinha sem ajuda ou orientação dos meus pais, embora eles tenham sido sempre meu maior exemplo de aplicação, determinação e superação de obstáculos. Mais que palavras, os exemplos de trabalho, aprendizagem autodidata, muita leitura e altivez me guiaram na certeza de que eu também conseguiria trilhar esse caminho de luta com sucesso.

3. Ingresso no Ensino Superior

Sempre tive fascínio pela área de educação e no final do ensino médio (antes chamado 2º grau), ingressei na Universidade de Brasília no curso de Pedagogia em 1987, perto de completar 18 anos, muito cedo para uma escolha que iria nortear e conduzir toda minha vida

profissional. Um dia algum cientista da educação irá pensar sobre essa questão da maturidade na escolha das profissões e quem sabe criar novos parâmetros para o ingresso na universidade.

Contudo, tive dúvidas se era mesmo essa formação que iria conduzir minha vida profissional. Embora encantada com as possibilidades de crescimento pessoal descortinadas pela Pedagogia, algo me alertava para o fato de que aquela não seria uma profissão que me proporcionaria estabilidade financeira e possibilidades de crescimento profissional.

Anos depois, percebi que esse alerta era proveniente de minha própria mãe que, embora formada professora, não acreditava que essa era uma profissão adequada a uma jovem com tantas outras possibilidades. Do mesmo modo, e infelizmente, a Pedagogia é considerada, no Brasil, socialmente um curso sem maior importância cujos profissionais são inevitavelmente vistos com descrédito, desvalorizados em suas carreiras, remunerações, jornadas de trabalho, condições e estrutura de ensino. Assim, resolvi interromper o curso no segundo semestre do mesmo ano em que ingressei, com o receio de que essa visão do professor não me propiciasse sucesso profissional.

Quando se fala sobre a profissão Professor é inevitável pensar em valorização, remuneração, capacitação, entre outros aspectos que os envolve, especialmente por serem assuntos interligados entre si. Como se sabe, essa profissão está em baixa, em razão da desvalorização, desprestígio dos cidadãos comuns e do próprio governo. Até alguns anos atrás, quando se perguntava para uma criança 'O quer você quer ser quando crescer?', uma das grandes hipóteses de resposta era 'Quero ser professor (a)'. Atualmente quando se faz a mesma pergunta, a maioria, possivelmente, responderá diversas outras profissões. Diante disso, questiona-se por quê?! O porquê dessa mudança?! Será em razão de que as novas gerações não têm mais os professores como exemplos a serem seguidos?! Será que os pais não cultivam na cabeça de seus filhos o quão belo pode ser uma pessoa com essa profissão?! Ou será que ser professor pode ser sinônimo de que não será bem sucedido, ou rico? (JORNAL DA EDUCAÇÃO – FUNDEB, 2011)

Embalada por esse espectro pessimista da educação em nossa sociedade e como havia passado em outro vestibular à mesma época, decidi continuar o curso de Administração de Empresas em faculdade particular (Centro de Ensino Unificado de Brasília), o qual me parecia mais promissor. No entanto, em 1990, quando da minha formatura, percebi que aquele não seria o caminho profissional mais gratificante para mim, pois havia deixado para trás um grande sonho, minha verdadeira essência, minha verdadeira esperança na humanidade: a educação.

4. Casamento, trabalho, filhos e profissão: um desafio

Fui admitida em concurso público para uma Instituição Financeira brasileira de grande porte no ano de 1992, após dois anos de formada. À época trabalhava também concursada na antiga Fundação Educacional do Distrito Federal (área administrativa). Após minha posse no novo emprego, exerci meu trabalho na qualidade de escriturária, carreira tipicamente bancária, afastada da prática e dos princípios administrativos e ainda mais afastada da práxis pedagógica.

No mesmo ano casei-me, e em 1994 nasce meu primeiro filho. Maravilhada com a responsabilidade de ser mãe, alienei-me da minha vida profissional, restringindo-me a exercer no meu emprego, um trabalho repetitivo e nada criativo. Na tentativa de resgatar minha verdadeira vocação profissional, prestei outro vestibular para Pedagogia na UnB em 1998. Aprovada, dei continuidade aos meus estudos com o pensamento no futuro. Em 2000, nasce meu filho caçula, e, por necessidade premente de cuidados de sua saúde, além de me afastar do Banco para cuidar do meu filho, adiei pela segunda vez a possibilidade de me formar em Pedagogia.

Quando a saúde do Lucas se estabilizou voltei a trabalhar. À medida que exercia meu cargo no Banco fui entendendo que não queria estar ali, não tinha prazer no que fazia, não me realizava. Veio então a desilusão profissional e todas as suas consequências inevitáveis (estresse, dores musculares, sofrimento psíquico no trabalho). Havia, no entanto, o desejo de retomar meu sonho e conciliá-lo com as possibilidades que uma empresa de grande porte pode oferecer. E por que não conciliar a Administração de Empresas à Educação Corporativa?

5. Trabalho significativo, projetos na Faculdade de Educação e conclusão do curso

Diante desse desgaste laboral, voltei a sonhar com a educação e as possibilidades de transformação que ela pode proporcionar. Dessa forma tornei realidade o desejo de retomar o curso de Pedagogia com o objetivo de conciliá-lo com a área de educação corporativa do Banco. Prestei novo vestibular no ano de 2007 e dei continuidade à graduação, com a determinação de concluí-la dessa vez.

Desde então até o presente momento, cursei diversas disciplinas entre as quais destaco “Ensino e Aprendizagem da Língua Materna” e “Processo de Alfabetização”, tendo em vista

minha inclinação para o assunto e o forte peso e significado que guardavam com a Educação de Jovens e Adultos.

Em “Processo de Alfabetização”, em especial, tive a oportunidade de conhecer a história da alfabetização, de entender a diferença entre alfabetização e letramento, de estudar as concepções teóricas de aquisição inicial da leitura e escrita e, não menos importante, de analisar as dificuldades do processo de alfabetização, o fracasso e a evasão escolar.

Para além de toda essa abordagem, tive também a oportunidade de conhecer estratégias e experiências pedagógicas de alfabetização de jovens e adultos, assim como as possibilidades de aplicação de diagnósticos e avaliações de aprendizagem.

Paralelamente, na minha trajetória profissional, participei de processos seletivos, concorrendo a uma vaga na Gerencia Regional Gestão de Pessoas na tentativa de me aproximar, cada vez mais, da área de Educação Corporativa. Um dos meus objetivos era (e ainda é) tornar-me uma educadora corporativa. De outro modo, desde meu ingresso no Banco, sempre tive o sonho de me formar uma educadora social, participando do Curso de Formação de Alfabetizadores - CFA do projeto BB Educar – Educação de Jovens e Adultos - desenvolvido pela respectiva Fundação da Instituição Bancária onde trabalho.

Essa nova perspectiva de atuação social vinculada à prática do meu trabalho reacendeu meu antigo desejo de vir a ser um instrumento para a construção da autonomia de cidadãos excluídos de nossa sociedade. Mergulhei no projeto BB Educar e dei início à atuação docente como alfabetizadora de adultos na região Vila Planalto no Distrito Federal.

Ao mesmo tempo, a participação nas disciplinas e projetos do curso de Pedagogia me proporcionou vivências extraordinárias como a experiência em Projeto 3, quando tive a oportunidade de conhecer uma nova possibilidade de geração de renda e trabalho: a Economia Solidária.

Norteadas e sustentadas pelos conceitos de Paulo Freire, Vigotsky, Wallom entre outros de similar importância, venho tentando entender os mecanismos de inclusão e exclusão no âmbito da educação brasileira. Creio que a experiência como alfabetizadora de adultos irá contribuir largamente para conhecer a real dificuldade enfrentada pelos professores que recebem tais alunos e quais as alternativas geradas por eles para conceber uma filosofia e uma

metodologia ideal para o desenvolvimento de todas as potencialidades desses indivíduos, excluídos das possibilidades de ascensão social e participação cidadã na sociedade.

E é nesse sentido que desenvolvo o presente trabalho, fruto de toda minha trajetória de vida, minha experiência profissional e acadêmica e a práxis pedagógica no campo da educação de jovens e adultos.

Nessa trajetória, está registrado um caminho de erros e acertos na escolha de uma profissão, estão registrados conceitos aprendidos e preconceitos sociais desmistificados paulatinamente sob a encantadora orquestração de professores e mestres comprometidos e apaixonados pela educação.

Também está registrada uma experiência gratificante de aproximação entre o trabalho exercido em minha empresa e a prática pedagógica na educação de jovens e adultos. Em destaque, faço referências sobre a importância de uma formação pedagógica que embase o exercício da prática de alfabetização de jovens e adultos, o acréscimo significativo que traz essa formação facilitando o primeiro contato com o educando, a aplicação de diagnósticos, a sensibilidade e percepção das diversas trajetórias de vida de cada educando, a necessidade do planejamento de ensino e dos planos de aula, e, principalmente, a necessidade de conhecimento e aplicação dos referenciais de educação popular no Brasil.

Assim, estão todos convidados a compartilhar essa experiência de vida para além de uma experiência profissional ou pedagógica.

É de inclusão que se vive a vida. É assim que os homens aprendem, em comunhão. O homem se define pela capacidade e qualidade das trocas que estabelece. (FREIRE, 1996)

II PARTE

PROGRAMA BB EDUCAR: Reflexões sobre os desafios e perspectivas pedagógicas do período inicial de alfabetização no Projeto desenvolvido com funcionários voluntários no ano de 2011

CAPITULO 1

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA NO BRASIL

O objetivo desse capítulo é refletir sobre a trajetória da EJA e sua base legal. Em particular, pretende descrever os pressupostos teóricos da Educação Popular como possibilidade de EJA, experiências nesse campo de estudo, inclusive teoria e prática da aplicação do Programa BB Educar 2011.

1.1. Trajetória da EJA no Brasil e base legal atual

O analfabetismo no Brasil sempre alcançou índices preocupantes, não sendo diferente no início da década de 90. Segundo dados do IBGE (censo demográfico constante do Anuário Estatístico)¹, em 1991 foram registrados 76.603.804 cidadãos brasileiros alfabetizados e 19.233.239 analfabetos, constituindo uma taxa de analfabetismo de 20%.

Ainda segundo o IBGE – Censos Demográficos, as taxas de analfabetismo concentravam-se, no início da década de 90, nas faixas etárias entre 50 e 69 anos, revelando que a parcela mais significativa desse indicador encontrava-se na população de adultos.

Segundo o Relatório “Global Education Database” da UNESCO (1994), as taxas de analfabetismo no Brasil em 1990 eram altas se comparadas com as de outros países. A diferença entre a posição do Brasil em relação a outros países da América Latina chegou a ser de 18% a 6%, encontrando-se em posição intermediária entre Equador e Bolívia.

Nesse contexto, no ano de 1990 o governo brasileiro participa da Conferência Mundial de Educação para Todos, na Tailândia, onde assumiu o compromisso da universalização do ensino fundamental e erradicação do analfabetismo.

Para tanto, o Ministério da Educação (MEC) elaborou documento em 1993 - Plano Decenal de Educação para Todos - destinado a cumprir, no período de uma década (1993 a 2003), as resoluções da Conferência Mundial de Educação Para Todos (Unesco, Unicef, PNUD e

¹ Segundo critério utilizado pelo IBGE, alfabetizado é aquele que possui a habilidade de escrever um bilhete simples, considerando-se alfabetização da população de 15 anos e mais.

Banco Mundial). Esse documento é considerado um norte para assegurar condições mínimas de dignidade à população brasileira, incluindo a educação.

As ideias contidas no Plano Decenal, portanto, têm origem na preocupação da comunidade internacional com a educação, tendo em vista o novo cenário social advindo da sociedade da informação. Nesse sentido, a educação fundamental tem sido considerada um 'passaporte para a vida', devendo desenvolver, em todas as pessoas, um corpo de conhecimentos essenciais e um conjunto mínimo de competências cognitivas, para que possam viver em ambientes saturados de informações e continuar aprendendo, sendo um dos seus objetivos: 'satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem das crianças, jovens e adultos, provendo-lhes as competências fundamentais requeridas para a participação na vida econômica, social, política e cultural do país, especialmente as necessidades do mundo do trabalho'².

O cenário do analfabetismo no Brasil de 1990 remonta ao Brasil do período colonial, quando a educação era exclusiva das elites agrárias e da camada dirigente, surgindo os primeiros sinais de distinção social entre letrados e iletrados e a discriminação entre trabalho intelectual e manual.

Essa situação mantém-se no período imperial. A aristocracia rural, a propriedade monocultora escravista e o poder imperial preservavam a lógica vigente sem preocupação com a inclusão daqueles que não possuíam propriedade, dos analfabetos e desempregados.

Em 1915, foi criada a Liga Brasileira contra o Analfabetismo que pretendia acabar com esse índice até 1922. Segundo o IBGE, em 1920 a taxa de analfabetismo era de 65%.

Entre 1947 e 1963 foram implementadas várias campanhas patrocinadas pelo poder público (campanhas CNER) e, embora insuficientes e negligenciadoras da educação rural, o índice cai, aproximadamente, para 40%. Nesse período surge a Campanha de Educação de Adultos, lançada em 1947. Essa campanha nacional de massa pretendia, numa primeira etapa, uma ação de alfabetização em três meses, mas se extinguiu antes do final da década sob críticas de deficiência administrativa e financeira e desarticulação pedagógica.

No período de 1956 a 1964, o país é marcado por forte movimento de industrialização o que requeria mão-de-obra minimamente escolarizada e especializada sob a pena de comprometer os avanços pretendidos pelo Governo, programa governamental de alfabetização criado em 1961 pela Confederação Nacional de Bispos do Brasil (CNBB).

² Dicionário Interativo de Educação Educa Brasil <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=91>

Aquele era o tempo da criação dos *movimentos populares de cultura* (MCP), dos centros de cultura popular do movimento estudiantil (CPC), do *Movimento de Educação de Base* da Igreja Católica (MEB), da campanha *De pé no Chão também se Aprende a Ler*, da Prefeitura de Natal, entre tantos outros grupos, lugares e equipes onde se misturavam educadores, estudantes, professores, profissionais de outras áreas que, por toda a parte, davam sentidos novos a velhas palavras: educação popular, cultura popular. (BRANDÃO, 1981, pág. 18)

Esse período marca fundamentalmente o conceito de educação popular no país. A experiência do educador Paulo Freire (Angicos, 1963) amplia a função da alfabetização, isto é, propõe um avanço do básico aprender a ler e escrever para uma função de conscientização crítica e libertadora do educando. Essa visão contrariava plenamente as diretrizes do modelo governamental ditatorial implantado no Brasil em 1964, com o golpe militar. Tais programas de alfabetização e educação popular que obtiveram destaque entre os anos de 1961 e 1964 foram interpretados como uma ameaça à ordem, pois propiciavam a reflexão e a crítica da realidade. Após o golpe foram viabilizados apenas programas de alfabetização assistencialistas e conservadores. O Movimento de Educação de Base da Igreja Católica – MEB continuou a atuar com algumas adaptações e em 1967, o próprio governo assumiu o controle dessa atividade, lançando o Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização, que se expandiu por todo o território nacional na década de 70.

Em 1985, o MOBREAL foi extinto sob a alegação de ineficiência, pois, embora utilizasse algumas das categorias pensadas por Paulo Freire (por exemplo, a palavra geradora), a constituição do MOBREAL não previa a perspectiva crítica e cidadã. Além disso, o material didático era uniforme para todo o território nacional, não fazendo distinção entre as regiões do País e ainda apresentava elevado índice de evasão. Era uma iniciativa que demandava muitos recursos financeiros e tornou-se inviável com a recessão econômica dos anos 80³. Foi criada, então, a Fundação Educar, que retoma os projetos de alfabetização de adultos.

Exilado pela ditadura militar, Paulo Freire volta ao Brasil em 1989 e cria o MOVA - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos e encontra em seu país uma nova Constituição Federal para a qual a EJA é direito subjetivo de todos os cidadãos que não tiveram acesso à educação na idade apropriada e dever do Estado, assegurado pela Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da

³ <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/hebl0a.htm>

pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, CF 1988).

Com a globalização crescente, abertura de mercados, incremento das tecnologias principalmente as de comunicação, o Brasil apresenta na década de 90 um *déficit* social severo com uma taxa de analfabetismo de 20%.

Embora extinta a Fundação Educar nesse período, a década de 90 registra a nova LDB (9.394/96) cujo conteúdo reformula o conceito afirma o conceito de educação de jovens e adultos em detrimento da concepção anterior do supletivo e em 1999 é realizado o primeiro ENEJA – Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos, no Rio de Janeiro.

De 2000 em diante, várias ações governamentais são implementadas como a aprovação do parecer sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), bem como a definição de 26 metas prioritárias para o decênio 2001-2011 pelo Plano Nacional de Educação, a criação do Programa Brasil Alfabetizado e a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Todas essas ações tinham o objetivo de reduzir as desigualdades educacionais entre os diversos segmentos da população.

Em relação à base legal atual que respalda a EJA, além da própria Constituição Federal, está o Parecer CNE/CEB 11/2000, de 10/05/2000, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Segundo o Parecer, um dos objetivos da educação de jovens e adultos, é

... a função reparadora da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda: o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Logo, não se deve confundir a noção de reparação com a de suprimimento. (BRASIL, 2000, pág. 7)

Em complemento, o mesmo Parecer discorre sobre a função equalizadora da EJA:

Neste momento a igualdade perante a lei, ponto de chegada da função reparadora, se torna um novo ponto de partida para a igualdade de oportunidades. A função equalizadora da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do

trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Para tanto, são necessárias mais vagas para estes "novos" alunos e 'novas' alunas, demandantes de uma nova oportunidade de equalização. (BRASIL, 2000, pág. 9)

Por fim, a função qualificadora pretende oferecer condições de qualificação permanente. Para além de ensinar a ler, é possível contribuir para o desenvolvimento do potencial de cada alfabetizando, contribuir para a confirmação de competências já estabelecidas, contribuir para o aperfeiçoamento técnico e profissional de modo que novas formas de geração de renda e trabalho sejam facilitadas. Demanda daí um exame cuidadoso sobre as condições particulares dos indivíduos, os quais apresentam habilidades, dificuldades e realidades sociais e familiares diferentes.

Nesta linha, a educação de jovens e adultos representa uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas, de todas as idades. Nela, adolescentes, jovens, adultos e idosos poderão atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas regiões do trabalho e da cultura. (BRASIL, 2000, pág. 10)

Apresentada a trajetória da EJA no Brasil e a constituição de sua base legal, trato no próximo item de discorrer sobre a abordagem da Educação Popular cujo maior referencial é Paulo Freire, e como ela acontece em ambientes da EJA.

1.2. Pressupostos Teóricos da Educação Popular: Paulo Freire e o sentido político da EJA

A Pedagogia da Autonomia preconizada por Paulo Freire fundamenta-se em algumas características que a identificam como tal e sem as quais restaria comprometido seu caráter de ato político. São elas: ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, ensinar exige criticidade, ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, ensinar exige a apreensão da realidade, ensinar exige a convicção de que a mudança é possível e ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

Paulo Freire dizia que “Educar-se é impregnar-se de sentido a respeito do objeto de estudo” (FREIRE, 1979) e que só aprendemos quando o objeto de estudo faz parte do nosso projeto de vida. Por isso, o conteúdo programático deveria ir além do conhecimento científico, deveria levar em conta as atitudes e a experiência de vida de cada um, não podem ser apenas teóricos e científicos, devem estar impregnados de sentido da realidade e movimentos atitudinais.

Desse modo, o sujeito da aprendizagem passa a ser o protagonista de sua história. Para tanto, faz-se necessário respeitar a identidade do outro, por meio do diálogo.

Na Educação Popular preconizada por Paulo Freire, o educador é o profissional do sentido, que orienta e ajuda o educando a construir o conhecimento. É um animador, um organizador da aprendizagem e deve estar inserido em uma “escola cidadã” que ensina para e pela cidadania, isto é, forma o cidadão pleno, que escolhe seus dirigentes, participa socialmente das decisões de sua realidade.

Assim, a escola defendida por Paulo Freire é dialética e a educação é ação política. Nesse contexto, a solidariedade é uma condição de sobrevivência assim como a produção do conhecimento, pois o modo de produção capitalista, da maneira em que é hoje organizado, é insustentável. Para Freire, a educação pode ajudar a melhorar as pessoas e as pessoas podem melhorar o mundo em que vivemos e para isso é preciso incentivar a curiosidade e o diálogo.

Dessa forma, o planejamento pedagógico de uma educação popular deve permitir e até mesmo incentivar que a comunidade discuta sobre sua própria realidade. Como dizia Paulo Freire (1993), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, então se vamos produzir conhecimento que seja contextual, lógico e dialógico.

Paulo Freire (1960) concebeu seu método de alfabetização e a consequente definição do conteúdo programático a partir de três momentos principais descritos a seguir:

Investigação Temática: A pesquisa de campo é em si mesma uma forma dialógica de elaborar o conteúdo programático.

Essa pesquisa é uma etapa de levantamento de dados que, uma vez consolidados, refletem o retrato da realidade, por meio do registro de questões relevantes. Esse é um momento de leitura do mundo e da palavra. É, talvez, a principal característica da educação popular. Nessa etapa, procura-se identificar os elementos significativos para o sujeito e para o grupo de forma a aproximar o sujeito do mundo.

Se o interesse precede o conhecimento, então antes de conhecer houve uma curiosidade de se conhecer algo. O método de Paulo Freire se estrutura a partir das necessidades populares, do projeto de vida das pessoas. A proposta do diálogo se estabelece desde o momento em que o educador determina qual conteúdo será estudado, com base nas entrevistas, pesquisas,

levantamento de dados e conversas com a comunidade. Essa leitura do mundo direciona o projeto educacional, pois o conhecimento não é só histórico, lógico e epistemológico, é contextual, dialógico e experimental.

Todo esse esforço prévio de levantamento de dados já é uma ação pedagógica, pois antes de se estabelecer o projeto pedagógico é necessária essa saída em campo para levantar questões como faixa de idade, faixa de renda, opções de lazer, identificação de necessidades, grau de instrução e tantos outros quesitos.

Uma vez identificadas as situações significativas, é possível identificar as questões geradoras e as possibilidades de atuação e intervenção nessa realidade. É preciso saber o que os sujeitos já sabem e, a partir daí, evoluir em outras direções.

Tematização: esse é um momento de compartilhamento com o outro. A partir do levantamento de informações da etapa anterior, são identificadas as necessidades que partem do próprio grupo.

A ação pedagógica começa a se delinear a partir desse ponto, quando as necessidades são identificadas como geradoras dos temas a serem abordados. Assim, o conhecimento poderá ser construído a partir da troca de experiências entre os educandos, para os educandos. Cabe ao educador facilitar esse processo, codificando e decodificando os temas.

Problematização: essa etapa ocupa-se de fomentar o engajamento, o compromisso e a emancipação do grupo.

É um momento de reconstrução dos significados, pois o conhecimento não deve se restringir a registrar o mundo, mas, sobretudo deve se propor a resignificar o mundo. Nessa etapa do projeto pedagógico, o conhecimento tem uma função libertadora de conscientização da realidade.

A Educação Popular de Paulo Freire pressupõe que o ato de ensinar é uma forma de intervenção no mundo e considera o sujeito agente de sua própria história. Ela é diferente da educação nas organizações, nas escolas ou na rede oficial de ensino (educação bancária, centrada no conteúdo com uso de avaliação punitiva). Na educação popular, todos têm a sua própria sabedoria que é socializada. Ela estimula a autonomia do conhecimento, a reflexão crítica e a formação da opinião.

Se o interesse precede o conhecimento, no caso da educação popular, o assunto que é de interesse da comunidade é que vai ser o ponto de partida para a construção do conhecimento, daí a necessidade da fase de investigação temática, a partir da qual todas as outras fases irão derivar. Todo esse processo pressupõe que o sujeito faça uma autoanálise e essa ação interfere na sua autoestima na sua condição de produzir seus próprios conceitos, apropriando-se da realidade, criticando-a e interferindo conscientemente em favor da transformação social.

Se somos seres inacabados, não há tempo próprio para aprender, até porque aprender não é acumular informações, datas, fatos. O importante é aprender a pensar a realidade e não reproduzir conhecimento. Assim, é sempre possível aprender e é o sujeito que aprende em contato com o mundo e com outro.

O respeito pelo outro é a base da teoria de Paulo Freire. Se o sujeito não tem identidade e não tem autoestima, a aprendizagem fica prejudicada. Se educar é impregnar sentido à vida, o educador é o profissional que orienta e ajuda o sujeito a construir esse conhecimento.

Nesse contexto, o sistema é o principal freio para o avanço dessa possibilidade, pois é extremamente burocrático e a escola tradicional é doutrinadora.

De outro lado, a dialética é reformadora e o conflito não exclui o diálogo, pelo contrário, possibilita e inspira a discussão e a troca de experiências. Do mesmo modo, a solidariedade é condição de sobrevivência. A essência da ética do mercado atual e do modo de produção capitalista confina o sujeito a uma realidade imutável onde não há espaço para o sonho e para a proposição de outra forma de organização dessa realidade.

Paulo Freire propôs uma educação que nos ajudasse a entender porque estamos vivendo nesse mundo e o que explica nossa condição de vida e de existência. Ele sabia que a luta dele era maior que ele e defendia uma relação generosa entre as pessoas. A luta por essa causa era o significado de sua vida. Era essa a sua missão.

Cabe salientar que todo esse esforço não trata apenas da alfabetização em seu sentido restrito, o sujeito da aprendizagem da EJA já possui sua própria experiência de vida com conhecimentos formais ou informais a respeito da linguagem. É sobre isso que trataremos a seguir.

1.3. Alfabetização e letramento na EJA

Se o sujeito da aprendizagem da EJA já possui algum conhecimento sobre a linguagem, faz-se necessário esclarecer sobre os significados e diferenças entre o processo de alfabetização e letramento, seus aspectos particularizantes e complementares.

Alguns autores afirmam que os termos alfabetização e letramento são continuidade um do outro. Após revisão de literatura, destaco o texto de Magda Soares (REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 2004), que esclarece que os termos são, na verdade, complementares e não excludentes.

A alfabetização está relacionada à dimensão técnica do processo ensino-aprendizagem de ler e escrever. Refere-se ao conjunto de regras de codificação e decodificação da linguagem, incluindo aspectos gráficos, morfológicos, sintáticos e fonológicos característicos dessa linguagem. Assim, a alfabetização abre as portas para toda a vida escolar, acadêmica e profissional do indivíduo, uma vez que possibilita o “registro” e a “leitura” da construção do pensamento do indivíduo.

Entretanto, o conceito de alfabetização é dinâmico e vem sendo construído socialmente ao longo dos anos para atender aos interesses políticos e às necessidades sociais, econômicas e ideológicas de cada época e de cada sociedade.

Por outro lado, o letramento não se restringe às regras da alfabetização. O letramento é um processo contínuo pelo qual passa o indivíduo desde seu primeiro contato com o mundo e com as pessoas, seja no ambiente familiar, seja por meio dos canais de comunicação, propagandas, rádio, televisão, mídias, literatura de cordel, gibis, letreiros de rua, placas e sinais de trânsito, apresentações teatrais e filmes.

O letramento ultrapassa a fronteira das regras do texto escrito e acontece na vida das pessoas independentemente do ingresso formal no ambiente escolar. Para além do conceito de alfabetização, o letramento é uma possibilidade de interpretar o mundo a partir dos atos de ler e escrever. É uma possibilidade de compreender, analisar e interpretar o mundo real e pode acontecer antes mesmo do conhecimento da palavra escrita.

Dessa forma, o letramento vai além da dimensão técnica do ensinar as letras, as sílabas e as palavras; é uma forma de tomar consciência do mundo e interpretar suas contradições e

historicidade. Entretanto, letramento e alfabetização devem caminhar lado a lado, no sentido de possibilitar a plena emancipação do indivíduo no seu meio social, tanto como cidadão consciente de sua participação política, quanto como pessoa e profissional.

E é esse indivíduo para o qual me proponho preparar e receber. Alguém que já vem com sua própria história, suas experiências escolares e de vida, suas formas inusitadas de interpretar o mundo e sobreviver nele ainda que sem o domínio da leitura e da escrita: um indivíduo que, certamente, terá muito a ensinar.

Para tanto, descrevo no próximo item as duas experiências com a EJA vividas durante minha graduação e que, de alguma forma, trouxeram-me vivências e aprendizados significativos e com os quais fortaleço minha possibilidade de prática docente enquanto alfabetizadora de adultos no núcleo de Vila Planalto.

1.4. Minha formação de EJA na Faculdade de Educação e no Projeto IV - Experiência no Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul

No Distrito Federal, a principal instituição da rede pública de ensino que oferece Educação de Jovens e Adultos é o Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul (CESAS). O CESAS também oferece classes especiais para incluir alunos jovens e adultos com algum tipo de necessidade especial, tornando-se ainda mais particular e específica essa oferta pública de ensino.

Minhas observações realizaram-se nesse Centro de Educação, para atendimento a uma das atividades previstas na disciplina “Processo de Alfabetização”: a elaboração de um artigo científico com base nessas observações de campo em uma sala de alfabetização.

As observações foram realizadas no mês de dezembro 2010, ao final do ano letivo escolar e foram estruturadas a partir do acompanhamento das aulas no período vespertino, de visitas à Sala de Recursos e à Biblioteca do CESAS e de entrevista com a professora titular. A seguir, descrevo meus registros sobre tudo o que observei durante as visitas.

Os referenciais teórico-legais que fundamentam a EJA contrapostos à prática pedagógica ressaltam contrastes e aproximações no cotidiano pedagógico-afetivo dos profissionais e educandos envolvidos nesse processo. A partir do levantamento de campo (observações, conversas informais, entrevistas, reconhecimento do lugar ocupado pelos atores e da

historicidade dos sujeitos), merece destaque o conceito de significação (Ausebel), a contextualização do sujeito histórico (Gramsci e Kohl), a ética e a competência do profissional da educação (Rios) e o envolvimento afetivo (Wallon e Freire), aspectos notadamente reconhecidos durante a observação nesse Centro de Ensino.

Força, motivação e capacidade intelectual do ser humano (seja em qualquer nível de classificação) foram os fatores observados nesse estudo de campo. Esses fatores confirmam as potencialidades de emancipação do indivíduo a partir do processo ensino-aprendizagem, a despeito das dificuldades características da EJA.

Segundo a LDB, a Educação Básica compreende três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio – e as modalidades de educação – Especial e EJA. A Educação Básica tem como objetivo assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - artigos 21 e 22).

Tratando-se em especial das modalidades de Educação Especial e EJA, o CESAS oferece a educação inclusiva (Simultâneo): o ensino especial e a educação de jovens e adultos, simultaneamente, em salas de aula constituídas por uma média de 8 alunos, de faixas etárias diversas que variam entre 14 e 50 anos.

A modalidade de ensino especial é ofertada a estudantes com deficiência intelectual, auditiva, visual, física, transtorno global do desenvolvimento (TGD), deficiência múltipla, altas habilidades/superdotação e surdocegueira.

Tratando-se de um processo intenso de troca entre a práxis dos profissionais da educação e a participação dos educandos com seus saberes e realidades, o cotidiano real do processo ensino-aprendizagem torna-se rico de carga afetiva entre docente e alunos, na tentativa de transformação e emancipação do sujeito, por meio da mediação do educador. Esse foi o sentimento percebido durante as observações.

Muitos são os casos reais de fracassos registrados nos programas educacionais públicos ou particulares, reconhecida a complexidade do processo ensino-aprendizagem. Porém, muitos são os casos exitosos, entendidos como consequência do esforço e dedicação de profissionais da educação e educandos.

O Centro de Ensino a exemplo da maior parte das unidades públicas de ensino não conta em demasia com recursos didáticos ou financeiros para amparar a atividade docente, porém a observação em campo denotou salas de aula de aspecto simples, mantida sob considerável organização. Também foi observada a divisão do espaço de forma apropriada com móveis de apoio para material didático, cartazes ilustrativos nas paredes, avisos, advertências, lembretes, material produzido pelos alunos.

Para efeito dessa observação, foi identificada extrema preocupação da professora com as particularidades de cada aluno, suas limitações e potencialidades. O conhecimento técnico e a experiência da professora, aliadas ao conceito de ética profissional propiciaram um ambiente de tranquilidade, respeito e desenvolvimento. Daí a aproximação com o texto de Rios (2008) que discorre sobre Ética e Competência.

A professora acredita no potencial de desenvolvimento cognitivo dos alunos e aprofunda a concepção da aprendizagem, interligando assuntos e conhecimentos. Assim, a ação educativa não se restringe apenas a aprender a ler, mas a relacionar esse conteúdo à realidade daqueles sujeitos. Segundo Rios (2008), “saber fazer bem como sinônimo de competência, em princípio, aproxima-se da posição dos educadores que apresentam esse saber fazer bem numa dupla dimensão: técnica e política.”.

1.5. Economia Solidária: Ampliação do conceito de Educação Popular e cidadania na EJA – uma experiência no Distrito Federal

Um dos trabalhos realizados durante o curso de Pedagogia foi o Projeto 4 em economia solidária no qual foi possível vivenciar a educação popular, a partir da concepção de Paulo Freire, de forma dialética e transformadora.

Segundo o Atlas da Economia Solidária no Distrito Federal e Entorno (2005-2007), a economia solidária é um conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores(as) sob forma coletiva e autogestionária.

A economia solidária, enquanto movimento popular e alternativo ao modo de produção capitalista, está baseada em princípios como a solidariedade, a cooperação, a viabilidade econômica e a autogestão (SINGER, 2002). Daí a ampla utilização da metodologia freireana, que possibilita e inspira o diálogo e a troca de experiências.

Em ambientes cooperativos de economia solidária, o conhecimento é construído a partir da experiência e participação de cada um. A proposta da educação popular vai ao encontro dessa perspectiva porque propõe que o ensino seja contextual, dialógico e experimental. A experiência da economia solidária vivenciada nesse atividade de extensão ocupa-se em observar, analisar e registrar uma ação pedagógica junto a uma cooperativa da cidade de São Sebastião em Brasília cujo planejamento de ensino foi concebido pelos alunos do Projeto 4, sob a orientação e coordenação da professora titular da disciplina.

Para efeito de contextualização e ainda segundo Mapeamento 2005-2007 – Atlas da Economia Solidária no Distrito Federal e Entorno, essa outra forma de economia possui como uma de suas bandeiras de luta a educação e a formação dos indivíduos por meio de “uma estratégia de valorização dos diversos saberes, rompendo com a separação entre o trabalho manual/intelectual, produtivo/improdutivo”.

Acrescenta-se a esse propósito a idéia de que a educação popular é um ato político, um projeto de autogestão, pois propõe a transformação social e a intervenção no mundo. Ao mesmo tempo, são incentivadas e cultivadas certas posturas sociais como o cuidado com o outro, o menosprezo pela vaidade, o cuidado com o constrangimento pela hierarquia, entre outras.

Enfim, a educação popular propõe uma reeducação para aprender a conviver. Essa convivência está baseada em uma nova proposta de relacionamento social e econômico a partir de um processo de troca de conhecimentos e respeito pelo outro.

Alguns conceitos permeiam os campos da educação popular e da economia solidária. São eles: a autogestão, a cooperação, a co-responsabilidade, a autonomia do grupo, o interesse e a motivação, a leitura e a reinterpretação do mundo.

A autogestão é uma das palavras-chave. Significa construir um projeto juntos. Essa postura está baseada na possibilidade de co-responsabilidade, isto é, de cooperação.

A cooperação significa operar com o outro, a partir dos interesses e objetivos comuns do grupo. Assim, a cooperação pressupõe trabalhar juntos e dividir tanto o que deu certo quanto o que deu errado, dividir o fruto do trabalho.

A autonomia do grupo é construída dentro dele, a partir da possibilidade da autogestão do trabalho, da cultura do grupo e dos fatores sociais.

O interesse e a motivação surgem em grupos cooperativos a partir da possibilidade que os participantes têm de nomear sua realidade e dar sentido e significado ao objeto de estudo. Outros fatores que contribuem para estimular a motivação são o respeito pela dinâmica do grupo e a possibilidade de inserção da cultura e da arte. Tudo aquilo que representa o grupo é de interesse do grupo e lhe dá significado. Não havendo interesse, a comunidade não se junta e não se organiza. Nesse sentido, a motivação da comunidade deve ser a de discutir a sua própria realidade.

Uma proposta de educação popular em ambientes cooperativos de economia solidária deve ser estruturada nas seguintes etapas de desenvolvimento, sugeridas por Paulo Freire: Investigação Temática, Tematização e Problematização.

Naquela ocasião, foram agendados quatro encontros semanais com a comunidade. Em cada encontro, foram apresentados e discutidos os temas geradores de forma participativa cujo conteúdo programático estava baseado na pesquisa de campo.

O planejamento de ensino foi organizado em quatro encontros. Cada encontro foi conduzido por um grupo de trabalho e cada grupo de trabalho desenvolveu um tema específico: solidariedade, autogestão, trabalho e renda.

Foi articulada junto à liderança da cooperativa, a formação da turma que era constituída por membros filiados à cooperativa, alunos da UnB, a professora titular e membros da comunidade.

Foram propostas atividades de apresentação dos participantes com o intuito de se reconhecerem individualmente e coletivamente. O sentido era entender como e porquê aquelas pessoas estavam naquele momento juntas. Saber quais eram os objetivos individuais e comuns. Essa atividade criou um vínculo de confiança entre as pessoas, a partir do qual os testemunhos e as experiências foram trazidos para a discussão.

Uma vez reconhecido o grupo, os objetivos comuns e a proposta de ensino, os demais temas foram abordados de forma a propiciar sempre a participação de todos. Nos encontros

subseqüentes foram socializados e discutidos os conceitos teóricos que embasam a economia solidária.

A partir da relação entre teoria e prática e da discussão sobre as possibilidades de mudança, foram apresentadas propostas de ação e intervenção na realidade daquela comunidade. Essas ações foram propostas pela própria comunidade, conseqüência de toda a discussão sobre a problematização dos temas.

A própria comunidade de onde a economia solidária se origina ainda carece de formação específica e de mais oportunidades de troca de experiências e conhecimentos. A economia solidária pode ganhar mais espaço na sociedade a partir da disseminação de sua prática social.

Nesse contexto, a Educação Popular tem papel fundamental e decisivo para a consolidação da Economia Solidária, uma vez que viabiliza e dissemina o conhecimento e a prática dessa nova organização social, considerando que os sujeitos da aprendizagem possuem um conjunto de saberes construído ao longo de suas trajetórias de vida e que, naturalmente, será compartilhado com o grupo.

A seguir, será abordada mais uma experiência de Educação Popular na Educação de Jovens e Adultos: o Programa BB Educar, que em sua concepção político-pedagógica assume os preceitos construídos por Paulo Freire e, dessa forma, baseia sua prática pedagógica a partir da valorização dos sujeitos da aprendizagem, do conceito de tema gerador, problematização da realidade e proposta de soluções e transformação da realidade.

CAPÍTULO 2

O PROGRAMA BB EDUCAR COMO PROPOSTA DE EDUCAÇÃO POPULAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O objetivo desse capítulo é descrever o Programa BB Educar a partir de seus preceitos e princípios, assim como descrever o processo de formação da turma Vila Planalto até a implementação do planejamento de ensino e planos aula, com os respectivos registros do processo ensino-aprendizagem, desafios e perspectivas do programa em 2011.

2.1. Contexto histórico do Programa

A prática educativa tem ocupado, cada vez mais, espaços inéditos na sociedade moderna. Conhecer e compreender nossa individualidade e a realidade que nos cerca tem possibilitado aos indivíduos atuar ativamente em seu presente e transformar suas vidas. O conhecimento – consequência do processo de aprendizagem – pode ser uma ferramenta facilitadora do desenvolvimento humano e social, mas, antes de tudo, deve contar com uma postura crítica e interpretativa por parte daquele que faz uso dela. Afinal, somos o que conhecemos.

Assim, a ação educativa extrapolou os muros da escola e a esfera da família. Ganhou espaço no mundo do trabalho. As organizações têm investido muito na formação de seus funcionários por meio do desenvolvimento de suas competências. Para além do desenvolvimento do seu corpo funcional, as organizações têm estreitado espaços de diálogo com seu público de relacionamento como clientes, acionistas, prestadores de serviço, fornecedores, consumidores, comunidade, governo e meio-ambiente.

A partir de uma iniciativa organizacional, foi criado em 1991 o Programa BB Educar - Programa de alfabetização de jovens e adultos - proveniente de uma experiência pioneira de alfabetização de funcionários da Carreira de Serviços Gerais em uma instituição financeira de âmbito nacional. Essa iniciativa interna ganhou força e extrapolou o ambiente organizacional alcançando diversas comunidades no Brasil afora, contribuindo para o alcance da meta de erradicação do analfabetismo prevista no Plano Decenal de Educação para Todos em 1993.

Nesse contexto acontece a Conferencia Mundial de Educação Para Todos (UNESCO) citada anteriormente e o Programa BB Educar é institucionalizado em 1991. Desde sua criação, o Programa já alfabetizou até o ano de 2008, 366.526 pessoas, segundo dados da Instituição Mantenedora.

Em sua constituição, o Programa propõe assumir os princípios preconizados por Paulo Freire: uma educação libertadora e uma leitura do mundo por parte do alfabetizando, considerando sua realidade como ponto de partida do processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, o Programa BB Educar permite corroborar, com sua prática de Educação Popular, a idéia de que a Educação é fator primordial para o desenvolvimento sustentável e para a inclusão social.

Para tanto, o Programa oferece de forma sistematizada, e por meio de seus educadores, atividades educacionais voltadas para a alfabetização e a promoção da cidadania entre jovens e adultos. Vale-se do conceito da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire e considera o educador como principal mediador do processo ensino-aprendizagem, sob a perspectiva sócio-histórica de Lev Vygotsky.

Em 2000, o Programa BB Educar teve sua coordenação transferida da Instituição Financeira para sua Fundação, mantida a mesma concepção metodológica: concepção de ser humano histórico, crítico, criativo e inacabado; concepção da educação dialética e dialógica; concepção de alfabetização como um processo de construção de conhecimentos; concepção de conteúdos inter e transdisciplinares; concepção de planejamento como organização do fazer pedagógico e concepção de avaliação como acompanhamento permanente.

Após várias edições do Programa desde 2000, forma-se em agosto de 2011 uma nova turma de alfabetizadores (Curso de Formação de Alfabetizadores), específica para funcionários da Instituição Mantenedora do Programa. Efetiva-se também convênio com entidade civil sem fins lucrativos - SOS Cidadania, com coordenação pedagógica própria para acompanhar as ações pedagógicas realizadas durante o Programa, além de ações pontuais do Projeto de Acompanhamento Regional, no âmbito do BB Educar.

Nessa ocasião, 25 voluntários concluíram o curso, entre eles, a Coordenadora Pedagógica vinculada ao SOS Cidadania, dois estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e 22 funcionários dos parceiros instituidores do Programa. Essa turma foi batizada, pelos próprios participantes, com o nome “Transformando Vidas”.

Desde então, esse grupo tem se organizado e se comunicado a partir de *e-mails*, *blog* “bbeducartransformandovidas.blogspot.com”, por telefone e pelos encontros proporcionados pela Coordenadora Pedagógica.

Atualmente, os participantes já estão executando seu planejamento de ensino e seus planos de aula. O material de apoio já foi entregue aos Núcleos e constam de cadeiras universitárias, armários de aço, cadeira e mesa do professor, globo terrestre, mapas, cola, barbante, folhas A4, tesouras, papel pardo, dicionário, entre outros itens. As aulas iniciaram no dia 17.10.2011 no Núcleo Vila Planalto.

2.2. Pressupostos teórico-filosóficos do Programa O referencial teórico conta com autores nacionais e estrangeiros, estudiosos do campo de conhecimento da Educação e que foram também orientadores do Programa BB Educar em sua concepção: Paulo Freire, Emilia Ferrero e Lev Vygotsky, considerando os aspectos social, histórico, cultural e político da educação.

A concepção metodológica do BB Educar parte do princípio de que a prática pedagógica deve considerar o sujeito da aprendizagem como participativo e construtor de seu conhecimento e trajetória, considerando as interações sociais, os processos de mediação ensino-aprendizagem, a leitura da palavra e leitura do mundo.

Assim, os estudos de Paulo Freire e Vygotsky alicerçam esse pensamento que direciona as ações do programa. Ambos os autores destacam a necessidade do “olhar amoroso”, sem o qual o processo ensino aprendizagem corre seríssimos riscos de ficar apenas descrito no papel.

Para tanto, discorreremos sobre algumas categorias da pedagogia de Paulo Freire como: círculo de cultura, diálogo e problematização, tema gerador, palavra geradora, texto coletivo, conscientização política e autonomia.

Essas categorias atuam como balizadores da aprendizagem, e numa situação análoga à da sala de aula, conduzem pela mão o aluno na direção de um saber crítico e participativo. Para Freire, em destaque, é somente enxergando-se nas necessidades e realidades do aluno que a mágica do aprender acontece de forma sublime e inesquecível. É somente partindo de uma realidade familiar e conhecida, que se dão as trocas afetivas e cognitivas. Neste sentido, chamo a atenção para um texto com citações de Andreolla (1997) referindo-se à palavra “**opressão**” na obra de

Freire, e no qual podem ser observadas as **várias dimensões** que este vocábulo pode assumir numa prática que exclui o estudante do processo ensino-aprendizagem.

Esta palavra tão repleta de significado conceitual, tão forte e tão definitiva em sua semântica, vem me acompanhando ao longo dessa incursão aos trabalhos dos autores pesquisados. Vem sendo sussurrada por Paulo Freire nessa pesquisa, vem sendo motivo de alerta da minha ainda incipiente prática docente. A citar as dimensões sugeridas por Andreolla: a dimensão antropológica, que mata a cultura do homem, produzindo o epistemicídio do educando ou seu saber enquanto indivíduo; a psicológica, que desconsidera o ser, o “eu” do homem, permitindo sua coisificação; a dimensão econômica, que permite que ricos fiquem cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres; a dimensão política na qual se percebe as leis que beneficiam ou privilegiam alguns, retratando a cegueira do poder autoritário e indiferente às necessidades e prioridades de uma grande maioria, e, finalmente, a dimensão pedagógica caracterizada pelas leis que na prática retrocedem as conquistas e desejos de toda a comunidade educativa e também na forma de relação professor-aluno.

Todos estes aspectos são abordados por Freire, que nos aponta caminhos a serem trilhados no intuito de conscientizar o oprimido de sua opressão, facilitar sua visão crítica e premiar sua criatividade. Contudo, ao final dessa viagem pelo universo dos autores pesquisados, não poderia deixar de constatar que mesmo em pleno século XXI repetimos os tão temidos modelos opressores, seja pela falta de políticas públicas adequadas a realidade educacional, seja pela postura ainda provinciana de alguns parâmetros curriculares, mas principalmente pela falta de esclarecimento dos nossos discentes quanto a sua verdadeira capacidade enquanto sujeito da própria história acadêmica e pessoal. Enfim, o opressor continua oprimindo e o oprimido deixando-se oprimir.

Em se tratando da escola de Vygotsky e sua abordagem histórico-cultural, merece destaque a observação das condições e do ambiente social e familiar em que estão inseridos nossos alunos, para que os processos pedagógicos aconteçam de forma plena. Observaremos “se” e “de que forma” estamos oportunizando as bases necessárias ao desenvolvimento do self, do intelecto, da formação do ser humano em sua plenitude.

Considerando os estudos de Piaget como pano de fundo de futuras considerações, faz-se necessário ampliar esta visão para o ambiente escolar e o desempenho de seu regente maior, o

professor, cujo papel fundamental é o de prover os alunos das ferramentas necessárias ao desenvolvimento de suas aptidões.

Lembrando que para Vygotsky (VYGOTSKI *apud* CARRARA, 2004, p. 144), “o bom ensino é aquele que garante a aprendizagem e impulsiona o desenvolvimento”, e a parceria professor-aluno é fundamental no processo de melhor aprender.

Para Vygotsky, a linguagem é uma criação social e só se mantém por meio do intercâmbio entre as gerações. É um sistema de códigos característicos de um determinado grupo social. Sua codificação e decodificação diferem de grupo para grupo. Sua aquisição é um passaporte para as interações futuras da criança e é por meio dela que se estabelece o pensamento organizado e generalizante. Portanto, o intercâmbio com o meio é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem.

Na era Pré-Vygotsky era senso-comum entre os pesquisadores da área de ensino e aprendizagem a relação entre o desenvolvimento mental e a capacidade da criança de executar uma tarefa sem ajuda de um adulto. Caso aquela criança tivesse ajuda posteriormente de um adulto ou de um colega mais qualificado, e conseguisse depois dessa ajuda realizar essas tarefas, não seria levada em conta nos teste de medição de desenvolvimento a idade mental.

A inovação do trabalho do pesquisador russo foi a constatação de que a capacidade realizadora da criança depois de obter auxílio de alguém seria fator preponderante na medição do desenvolvimento da criança. Isto é, ele estabelece uma relação direta entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado. Neste momento ele cria o esquema da Zona de Desenvolvimento Proximal.

Este conceito é aproveitado também nas atividades docentes relacionadas a adultos. Parte do princípio que existem dois níveis de desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O nível de desenvolvimento real diz respeito a todas aquelas atividades que a criança consegue realizar sozinha. Logo, quando se trabalha com aqueles testes que medem a idade mental da criança por meio de atividades que elas conseguem realizar sozinhas, eles estão tratando do nível de desenvolvimento real. Contudo, isso acarreta uma série de problemas.

O nível de desenvolvimento potencial diz respeito àquelas atividades que as crianças ainda não conseguem realizar, mas que em um futuro próximo estarão habilitadas a realizá-las.

A Zona de Desenvolvimento Proximal abrange aquelas funções que ainda não estão amadurecidas na criança, mas que com a ajuda de alguém irão amadurecer em um espaço de tempo. É exatamente nessa região que o educador irá intervir. Ele não trabalhará somente com aquelas funções que a criança já consegue realizar, ele trabalhará com as potencialidades ainda não desenvolvidas da criança. Por isso que para Vygotsky, o educador trabalha de uma forma prospectiva e não retrospectiva, como nos antigos testes que só mediam o nível de desenvolvimento real da criança.

Para Vygotsky, o bom ensino só pode acontecer a partir de um processo colaborativo entre educador e educando. O ambiente onde se dá a relação ensino-aprendizagem deverá envolver intensamente o educando não só pela motivação que impulsiona o indivíduo, mas também pelo reconhecimento do objetivo e do significado daquela ação, para que a partir de conceitos como “zona de desenvolvimento proximal”, se possa afetar positivamente o educando, contribuindo para o desenvolvimento em todas as suas vertentes.

Uma das principais contribuições dos estudos de Emilia Ferrero refere-se à premissa de que a escrita não é um produto da ação escolar, mas é um produto cultural⁴, formatado através dos tempos e espaços culturais do ser humano e que tem funcionalidade social primordial, principalmente em meio urbano.

Emília Ferreiro (2010) aborda a escrita como um sistema de representação da realidade e por isso a escrita se caracteriza como um produto social. Também é destaque na obra de Ferreiro a descrição dos padrões evolutivos pelos quais passa o educando durante o processo de apreensão da linguagem escrita: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Tais padrões evolutivos foram adotados pelo BB Educar e constam da Matriz de Referência – documento que tem a finalidade de definir o objetivo geral do Programa e explicitar os objetivos específicos do ensino da Língua Portuguesa.

Desse modo a Matriz de Referência delimita, baseada nos estudos de Ferreiro, o níveis de compreensão pré-silábico da escrita como “uma representação da linguagem escrita por meio

⁴ Ferreiro, Emília. Reflexões sobre alfabetização – pág. 44

de letras, desenhos, números ou outros símbolos, ainda que o alfabetizando não consiga distinguir letras de outros sinais gráficos e ainda que faça representações sem buscar correspondência entre os sons da fala e a escrita” (Dialogando com o Alfabetizador – BB Educar).

Em sequência, a escrita de nível silábico refere-se à utilização de uma letra, ou outro sinal gráfico, para cada sílaba ou uma letra para cada palavra. A escrita de nível silábico-alfabético refere-se à possibilidade de se escrever alfabeticamente pelo menos uma sílaba da palavra e a escrita de nível alfabético refere-se à possibilidade de o alfabetizando distinguir letras, sílabas, palavras e frases.

Em complemento, a proposta do BB Educar segundo o Diário do Alfabetizador é a adoção de uma concepção interacionista que combine de forma sinérgica o conhecimento da estrutura e funcionamento da linguagem escrita, suas regras e conceitos, não se distanciando em nenhum momento da referência ao significado dessas palavras, frases, textos.

A construção do conhecimento se dará pela abordagem espiral em que parte-se do texto para as sentenças, dessas para as palavras, dessas para as sílabas e dessas para os grafemas e fonemas.

Segundo Kohl (1999), jovens e adultos da EJA devem ser considerados e entendidos a partir das seguintes premissas: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais. Esses indivíduos são sujeitos históricos, constroem sua própria aprendizagem e estão no mundo modificando-o e interagindo com outros indivíduos.

Soares (2004) destaca que o letramento é um processo derivado da vivência do sujeito na cultura escrita, por meio de experiências verbais, visuais, auditivas, familiares, midiáticas. Daí a intencionalidade de dar significado ao objeto de estudo de determinado indivíduo ou grupo, por meio de freqüentes associações propiciadas pelo educador em relação à realidade de cada aluno.

As reflexões geradas por todos esses autores, de alguma forma, contribuem para o entendimento das premissas que constituem o processo de alfabetização de adultos e que desembocam do Programa ora observado.

2.3. Objetivos, Operacionalização e Indicadores do Programa

O BB Educar é um programa de alfabetização de jovens e adultos da Fundação vinculada a uma Instituição Bancária governamental. Consiste na formação de alfabetizadores, que assumem o compromisso de constituir núcleos de alfabetização nas comunidades em que atuam.

O objetivo geral do Programa é contribuir para a superação do analfabetismo no País, por meio de atividades educacionais voltadas para a alfabetização e a promoção da cidadania entre jovens e adultos.

Entre os objetivos específicos estão: atender convênios para a realização de núcleos de alfabetização; capacitar os coordenadores e educadores sociais na metodologia didático-pedagógica do programa; incentivar a inserção dos participantes em programas educacionais, tais como: programas de ensino formal, educação de jovens e adultos (EJA), técnicos e profissionalizantes; articular, com o poder público local, ações para a concessão/atualização de documentos de identificação para os participantes alfabetizados.

O programa é implementado nas comunidades a partir da formalização de convênios de cooperação mútua entre as partes interessadas, por meio dos quais se projeta o número de alfabetizadores que serão capacitados no Curso de Formação de Alfabetizadores (CFA) e o número de alfabetizandos que devem ser atendidos.

Quanto aos indicadores, o programa estabelece por meta os seguintes parâmetros: porcentagem de atendidos pelo programa em relação à meta indicada pela Fundação instituidora; número de CFAs realizados; quantidade de alfabetizadores e coordenadores pedagógicos capacitados; porcentagem de alfabetizados que ingressaram em outros programas educacionais, tais como: programas de ensino formal; educação de jovens e adultos (EJA), técnicos e profissionalizantes; porcentagem de alfabetizados atendidos com a emissão da carteira de identidade com a própria assinatura.

2.4. Concepção Metodológica do BB Educar

A linha político-pedagógica do BB Educar está estruturada nas seguintes perspectivas (trechos retirados do Diário do Alfabetizador, material de consulta do Curso de Formação de Alfabetizadores - 2007).

Em relação ao enfoque pedagógico, destaca-se a convergência entre os pensamentos de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Emília Ferrero, pois entendem que sujeito e conhecimento são instâncias inacabadas, em construção, que a aprendizagem e o desenvolvimento são sempre mediados pelo outro e pelo grupo social, que o ensinar e o aprender influenciam e são influenciados por um conjunto de práticas, ações, instituições e ordens simbólicas por meio das quais os homens se relacionam entre si e com a natureza.

Em relação à concepção de ser humano, o Programa entende-o como ser histórico, criativo e inacabado; sujeito aprendente e ensinante que constrói as próprias condições de existência e de transformação da realidade.

Em relação à concepção de educação, privilegia-se a dialética e dialogia do processo de construção do saber, processo ativo, criativo, subjetivo, e sócio-histórico-cultural que pressupõe interação entre quem aprende e quem ensina, entre o conhecimento e o contexto.

Em relação à concepção de alfabetização, entende-se como processo de construção de conhecimentos básicos da cultura letrada: leitura, interpretação, escrita de textos em que se expressem como autores, matematização e outros conteúdos que lhes permitam melhor compreender e atuar no mundo em que vivem.

Em relação ao educador-educando, são entendidos como atores do processo de construção do conhecimento, ambos são aprendizes com papéis diferenciados. O alfabetizador - na condição de pesquisador, problematizador e sistematizador – faz a mediação entre o alfabetizando, o conhecimento e o contexto. O alfabetizando – na condição de curioso, explorador, descobridor e sistematizador – atua como sujeito do seu processo de aprendizagem. Ambos interagem permanentemente na prática educativa por meio de vínculos afetivo-cognitivos.

Em relação à metodologia ou estratégias pedagógicas, são considerados o diálogo problematizador, as práticas pedagógicas diversificadas, o estímulo ao prazer e ao desejo de ler e escrever, a utilização de vários suportes textuais presentes no dia-a-dia.

Com relação aos conteúdos, são indicados considerando uma visão interdisciplinar e transdisciplinar na organização curricular com temas extraídos dos contextos de vida dos educandos.

Em relação ao planejamento do fazer pedagógico, parte-se da análise sobre os alfabetizandos e as realidades em que vivem. Esse é o ponto de partida para se identificar temas geradores e daí determinar os subtemas e os objetivos.

Em relação às avaliações, é previsto acompanhamento permanente e utilização de diagnósticos. A avaliação está relacionada ao planejamento uma vez que fornece elementos que apontam o que os alfabetizando sabem, o que ainda não conhecem e como aprendem, possibilitando a criação de estratégias pedagógicas desafiadoras.

Em relação à formação dos alfabetizadores, o programa oferece o Curso de Formação de Alfabetizadores – CFA do BB Educar que foi realizado entre os dias 22 e 26 de agosto de 2011. O objetivo era capacitar os participantes para iniciar o processo de alfabetização de jovens e adultos, a partir do enfoque pedagógico sócio-histórico-cultural sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, valendo-se da dialética como método e do diálogo como estratégia.

A formação dos alfabetizadores prevê sua capacitação técnica, a ampliação da visão política da práxis alfabetizadora e o incentivo ao engajamento pessoal do alfabetizador em sentido motivacional e do compromisso com a construção da subjetividade, do conhecimento e da expansão da consciência crítica do alfabetizador e do alfabetizando.

O curso CFA está estruturado em dez encontros durante cinco dias e aborda as seguintes unidades temáticas: o alfabetizador e o grupo; metodologia e planejamento; analfabetismo no Brasil e o BB Educar; estratégias de ensino-aprendizagem e a contribuição da pedagogia freiriana; psicogênese da língua escrita e estratégias de leitura; concepção, conceito e estratégias de alfabetização; matematização; sistematização da proposta BB Educar; vivências de alfabetização e síntese final.

Com base nessas perspectivas, o BB Educar assume a condição de programa de integração social, que busca a inserção educacional e a conseqüente melhoria das condições de vida dos brasileiros atendidos.

2.5. Prática Pedagógica na Vila Planalto a partir das Diretrizes do Programa

O Núcleo Vila Planalto foi um dos pólos criados no âmbito do programa BB Educar, entre outros 11 núcleos em funcionamento e distribuídos por todo o Distrito Federal.

A Vila Planalto está localizada em Brasília, mais especificamente entre o Palácio do Planalto e o Palácio da Alvorada, pode-se dizer no coração do Poder Público Federal.

Em sua origem, a Vila Planalto constitui-se como um acampamento da construção civil durante o período da construção de Brasília até sua inauguração. Acolheu desde operários da construção civil até engenheiros e políticos que passaram esporadicamente pela futura capital federal naqueles anos.

Após a finalização da construção de Brasília, fazia parte do planejado a extinção de tais núcleos que serviam de suporte para os atores que erguiam a nova capital. Apesar de um longo período de clandestinidade, a Vila Planalto foi reconhecida como patrimônio do Distrito Federal em 1988, um ano após o reconhecimento de Brasília como patrimônio da humanidade.

O processo de consolidação da Vila Planalto vai de encontro com o planejamento inicial traçado para Brasília, quando não era prevista a permanência de núcleos provisórios (canteiros de obra). A continuação de sua existência não foi planejada.

Por muito tempo caracterizou-se como os bastidores da construção de Brasília (de caráter provisório e sem infraestrutura urbana necessária) e representava o contrário do que se imaginava para Brasília: planejamento e modernismo.

A capital do futuro e um vilarejo da província instalado em pleno coração da cidade eram simplesmente contrastantes, com suas pequenas casas de madeira, aspecto bucólico pela proximidade do lago, presença de diversas árvores e vegetações, suas pequenas ruas.

A Vila Planalto é um símbolo da resistência dos “pioneiros”, trabalhadores que arregaçaram as mangas e, efetivamente, ergueram a cidade centro do poder no país. Tem crescido muito e costuma ser frequentada no horário do almoço como uma opção para todo o funcionalismo público que está lotado entre as instituições públicas das três esferas de Poder.

Ao mesmo tempo, abriga famílias das mais variadas faixas de renda demandantes de uma estrutura comum a todos os bairros da cidade. Possui um Centro de Saúde, a igreja Nossa Senhora do Rosário, mercados, farmácias, comércio em geral e um Centro de Ensino Fundamental no qual contamos com uma sala de aula para a oferta do Programa BB Educar.

Nossos educandos são provenientes dessa comunidade, mas caracterizados por baixos níveis de renda e pouco ou nenhum acesso ao ensino formal de ensino. São, na maioria, trabalhadores e trabalhadoras domésticos, da construção civil, donas de casa ou aposentados.

O pequeno grupo de 13 pessoas origina-se das diversas partes do país, sendo mais acentuada a presença de educandos de origem nordestina. A turma é bastante heterogênea em relação ao nível de conhecimento demonstrado, pois alguns nunca frequentaram a escola e outros cursaram até o quarto ano do ensino fundamental.

Seus sonhos são os mais diversos e se escondem por trás da simples indicação de que querem aprender a ler e escrever. Na verdade, estão sedentos de conhecimento e de cidadania, de algo que lhes proporcionem mudança de vida. Alguns citam que querem ler a Bíblia, outros querem ajudar os bisnetos na escola, outros querem conseguir um emprego de gari, outros querem cursar uma faculdade.

É um grupo de garra e determinação que nos inspira a cada dia e nos dá felicidade em podermos ser úteis.

Assim, a prática pedagógica no Núcleo da Vila Planalto começa antes de conhecermos o próprio espaço da sala de aula, pois para que fosse possível nossa participação no curso CFA, já nos coube o desafio de compor o núcleo com pessoas interessadas em frequentar as aulas de alfabetização: dificuldade de encontrar endereços ou de conseguir contato por telefone. A cada encontro, era possível perceber olhos desconfiados e incrédulos, amedrontados e sedentos de crescimento.

Embora parecesse uma tarefa simples e fácil, a dificuldade de formar o núcleo já indicava alguns dos obstáculos vivenciados por esse público. Os demandantes da ação educativa muitas vezes não encontravam possibilidades reais de participar das aulas, seja por falta de tempo, seja porque trabalhavam em turnos coincidentes com as aulas, seja porque não podiam abandonar o lar com crianças pequenas, seja porque estavam cansados da lida diária.

Após a realização do curso CFA e a formação do pequeno grupo de 13 pessoas e seu cadastramento junto à administração do Programa com o recebimento do material de apoio básico, o programa foi iniciado no dia 17.10.2011.

2.5.1. Planejamento de Ensino

Para o primeiro encontro, foi pensado o plano de aula apresentado a seguir, baseado na Matriz de Referência – MR apresentada durante o curso e também anexa ao trabalho.

Vale aqui deixar clara a diferença conceitual entre planejamento de ensino e plano de aula. Vamos considerar, para efeito da prática pedagógica do BB Educar, que o planejamento de ensino refere-se a uma esfera mais ampla do processo de alfabetização. Define-se como

o eixo de mediação entre o projeto político-pedagógico e o processo de ensino-aprendizagem, é o processo de tomada de decisões sobre a ação, processo que num planejamento coletivo – que é nossa meta – envolve busca de informações, elaboração de propostas, encontros de discussão, reuniões de decisão e avaliação permanente. (ALMEIDA, 2002, p. 61 *apud* COLETIVO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – MST)

Enquanto o plano de aula corresponde ao nível de maior detalhamento e especificação do planejamento “(...) uma aula pode ser desenvolvida de várias maneiras. O plano nos possibilita antever uma forma que seja possível e desejável.” (DIÁRIO DO ALFABETIZADOR, CFA, FBB, 2007).

Após o primeiro planejamento e a execução da primeira aula, a prática pedagógica se apresentou como apenas mais uma entre tantas descobertas e surpresas que se descortinavam adiante.

O momento em que coloquei em prática aquilo que vi e ouvi por muitas vezes durante a graduação é simplesmente mágico. É nesse momento de aproximação com o outro, de conhecimento de outra realidade, de possibilidades infinitas que se dá a prática pedagógica. Então percebemos que aquilo que havia sido planejado para 50 minutos, na verdade nos levou uma hora e 30 minutos, mas esse tempo foi necessário para compartilhar outros conhecimentos não especificados no plano de aula ou compartilhar sentimentos e anseios importantes para a construção da identidade do grupo.

Ainda assim, o planejamento e o plano de aula são ferramentas indispensáveis ao bom desenvolvimento do processo de alfabetização. Na verdade, são trilhas sobre as quais podemos vislumbrar o futuro, sobre as quais podemos projetar o desenvolvimento de nossos educandos.

Além da Matriz de Referência, o conteúdo programático do BB Educar tem como suporte cinco parâmetros essenciais para o desenvolvimento das potencialidades do educando e que, ao mesmo tempo, servem como norte para a prática de ensino-aprendizagem. São eles: oralidade, interpretação, leitura, escrita e matematização.

2.5.2. Planos de Aula e Registros Pós-Aulas

Os planos de aula e os registros pós-aula estão estruturados de forma a propiciar uma ação pedagógica articulada e planejada, criativa e flexível.

Os registros são de fundamental importância, pois além de produzir a memória dos encontros também sinalizam ajustes nos tempos das atividades, adequações de postura e fala da educadora, identificação de melhores práticas pedagógicas, sensibilização sobre o ritmo de aprendizagem de cada educando, percepção sobre temas geradores para as próximas aulas, entre outros fatores.

De outro modo, o plano de aula representa respeito para com os educandos, pois evidencia o cuidado dispensado pela educadora previamente ao dia da aula, fazendo com que a prática docente tenha início antes da aula e se prolongue depois dela.

Um plano de aula bem elaborado facilita o trabalho do educador uma vez que possibilita a organização das idéias, a revisão de conceitos, o encadeamento com a aula anterior e posterior, a escolha dos recursos didáticos mais adequados, a projeção de participação de determinado aluno ou outro, enfim, uma segurança mínima em relação aos acontecimentos em sala de aula.

Não obstante esses facilitadores, sabe-se o quanto um planejamento ou plano de aula deve se revestir de flexibilidade uma vez que estamos tratando com pessoas e estamos lidando com o comportamento humano, rico de situações inusitadas e inesperadas.

Planejamento Pedagógico – Aula 01

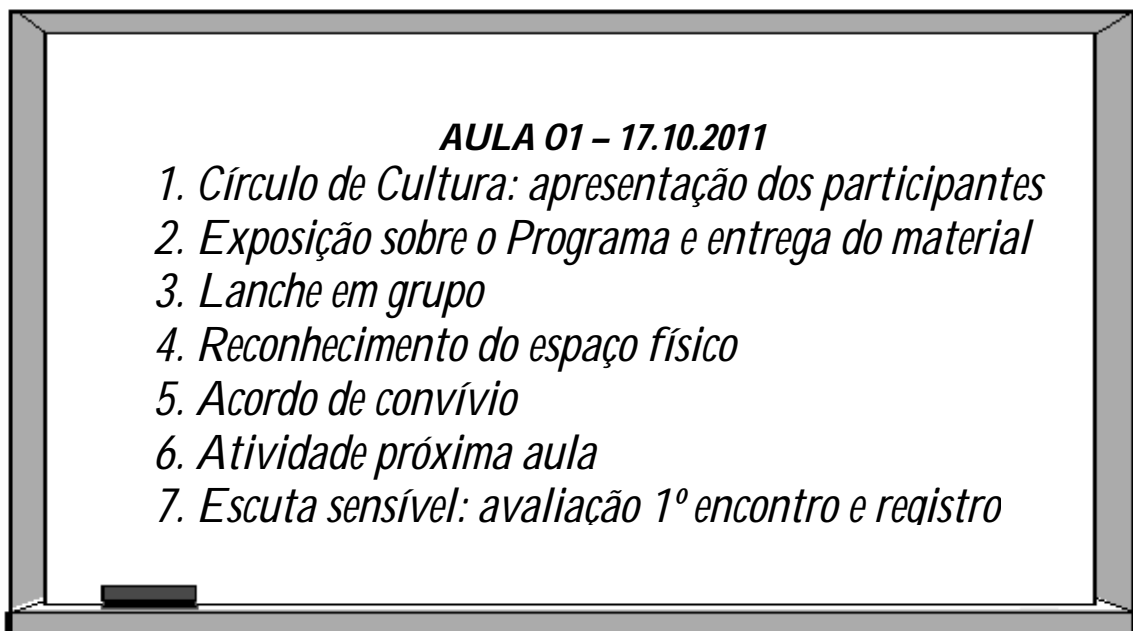
Programa BB Educar – Edição 2011 – Turma Transformando Vidas

Núcleo Vila Planalto – Brasília – DF

Educadoras: Cláudia Cavendish e Rosângela Poletto

Tema Gerador: O sujeito, o grupo e o espaço.

Subtema: Acolhimento e vínculo de confiança.



ATIVIDADE 01 – CÍRCULO DE CULTURA: APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Objetivos específicos: Apresentar-se. Integrar-se com os demais membros do grupo.
Conhecer as educadoras e os participantes

Conteúdo:

Círculo de Cultura

Recursos: Crachás previamente confeccionados

Procedimentos do Educador

- Apresentar-se. Externar seu sentimento quanto àquele momento. Esclarecer que esse é um momento muito importante em que cada um terá a oportunidade para se apresentar, de forma que o grupo possa se conhecer melhor, pois se espera pela frente muitas oportunidades de construção do conhecimento e ajuda mútua. Convidá-los a sentar em círculo.
- Colocar os crachás em uma mesa no centro e orientar que cada um pegue o seu próprio. Após, pedir que cada um diga seu nome e o estado/cidade onde nasceu e há quanto tempo mora em Brasília. Apenas informações iniciais, pois a apresentação mesmo será realizada em duplas.
- Após, pedir que todos retirem os crachás, colocando-os de volta na mesa do centro. Depois de misturados novamente, pedir que cada um pegue um crachá de forma “aleatória” e coloque no pescoço. Agora, cada um vai procurar o seu nome em outro colega. Quando a dupla se encontrar, então cada um vai contar um pouco da sua história (idade, estado civil, profissão, qual sua expectativa sobre o curso, se tem filhos, qual sua origem...). Explicar para prestarem atenção na fala do outro (escuta sensível), pois depois cada um vai contar um pouco do outro colega para que todos se conheçam no círculo. Quando da fala sobre as expectativas, registrar em letra de forma em uma cartolina ou no quadro branco.
- Fazer o fechamento perguntando se alguém mais quer falar, se alguém esqueceu algo. Destacar que o grupo se reunirá às segundas e quartas de 7 às 10h da noite e que cada um tem muito a contribuir com suas experiências, conhecimentos e vivências. Falar um pouco sobre as expectativas que cada um citou esclarecendo quais estão contempladas no curso e quais não estão. Explicar que estaremos juntos em uma jornada, fazendo nosso futuro, construindo conhecimentos em busca de nossa autonomia.
- Mostrar os desenhos feitos à boca pelo artista Doug Landis e salientar que todos temos dificuldades e elas existem para que possamos melhorar como seres humanos.
- Desde já será possível observar a desenvoltura e o processo de aprendizagem de cada um para subsidiar o diagnóstico inicial.

Objetivos específicos: Conhecer o Programa e o contexto do qual fazem parte, identificando o caráter público do Programa. Receber o material individual, conferindo cada item e conhecendo como o material será utilizado.

Conteúdo

BB Educar: estrutura e funcionamento

Recursos: quadro branco ou cartolina pré-confeccionada, etiquetas autocolantes.

Procedimentos do Educador

- Mostrar o quadro branco com o texto escrito “Curso de alfabetização de jovens e adultos – BB Educar – primeiro encontro. Sejam bem-vindos”. Ler em voz alta apontando cada palavra com a mão.
- Apresentar o Programa: parceiros instituidores e demais parceiros. SOS Cidadania. Coordenadora Pedagógica. Falar um pouco sobre a história do Programa, quando foi criado e quantas pessoas já foram alfabetizadas, objetivo do Programa. Explicar que ainda chegará um mobiliário próprio e que, ao longo dessa jornada, a sala será sempre melhorada pelo grupo, porque esse é nosso espaço de convívio, onde devemos nos sentir bem acolhidos.
- Explicar que a turma é diversificada. Cada um passou por escolarizações diferentes ou até não passou. Que isso não é problema. Todos podem colaborar e que o atendimento pelas educadoras também será individualizado.
- Perguntar se alguém tem dúvidas. Esclarecer dúvidas.
- Proceder à entrega do material individual, explicar como se faz o estojo, conferir se todos receberam todos os itens. Explicar sobre o uso da camiseta.
- Pedir que cada um escreva seu nome nas etiquetas, colando-as no material. Esclarecer que podem utilizar o modelo do crachá, caso tenham alguma dificuldade.
- Convidar todos para um breve intervalo com lanche. Explicar que poderemos combinar um lanche coletivo para todos os dias de aula, se o grupo concordar. Perguntar se eles se importam de tirarmos fotografias para registro da aula.

Objetivos específicos: Confraternização do grupo, relaxamento e descontração.

Conteúdo

Lanche comunitário

Recursos: mesas, copos descartáveis, guardanapos.

Procedimentos do Educador

- Convidar todos para participar do lanche. Deixá-los à vontade, interagir, conversar.

ATIVIDADE 04 – RECONHECIMENTO DO ESPAÇO FÍSICO

Objetivos específicos: Reconhecer o espaço físico e a parceria com a escola, conhecer as dependências.

Conteúdo

Sentido de pertencimento

Recursos: nenhum

Procedimentos do Educador

- Convidar todos a fazer um passeio na escola. Mostrar a biblioteca, a sala de informática, a cozinha, o pátio...
- Explicar que esse espaço estará à disposição de todos, avisando com antecedência e planejando com a Direção.
- Sensibilizá-los que se trata de espaço público e por isso todos nós somos responsáveis por ele. E assim deve acontecer com outros espaços públicos. Perguntar quem já viu orelhão quebrado ou muro de hospital pichado, ônibus depredado...

ATIVIDADE 05 – ACORDO DE CONVÍVIO

Objetivo específico: Expressar e compartilhar opiniões a fim de harmonizar horários, regras de convívio, distribuição de tarefas.

Conteúdo

Acordo de convívio

Recursos: folha de flip ou cartolina, pincel

Procedimentos do Educador

- Explicar o que significa um acordo de convívio, a necessidade de respeito mútuo, a importância do compromisso, a necessidade de participar das tarefas em sala e em casa.
- Pedir que falem sobre o curso que gostariam de frequentar.
- Promover diálogos sobre aspectos que devem ser considerados por todos para que o curso se desenvolva da melhor forma possível.
- Explicar sobre a necessidade de comparecimento de todos inclusive em relação ao horário. Avisar se precisar faltar. Participação no lanche: quem traz o quê. Quem ajuda a arrumar a sala ao final?
- Atividade Coringa: pedir que recortem figuras ou façam desenhos que ilustrem aqueles itens citados.
- Registrar os pontos acordados em cartolina para que seja afixado na parede da sala.

ATIVIDADE 06 – ENCAMINHAMENTO PARA A PRÓXIMA AULA

Objetivos específicos: Entender a tarefa a ser realizada em casa.

Conteúdo

Tarefa para casa

Recursos: tirinhas cortadas com perguntas aleatórias. Caderno do participante

Procedimentos do Educador

- Pedir que cada um pegue uma pergunta na caixinha. Pedir que colem a pergunta no caderno. Explicar que as educadoras irão ajudar cada um individualmente, lendo a pergunta e explicando o que deverá ser feito.
- Explicar que a tarefa é um estímulo para participar da próxima aula, pois será percebido o encadeamento com o conteúdo da próxima aula.

- Explicar que eles deverão pensar em uma resposta sobre a pergunta para compartilhar na próxima aula (próximo conteúdo: avaliação da coordenação motora e início de aplicação do diagnóstico inicial).
- Explicar que eles não precisam escrever a resposta, apenas se quiserem. O importante é refletir sobre a resposta.

Perguntas:

1. O que você sabe fazer de melhor?
2. Qual foi o momento mais feliz da sua vida?
3. Que lugar você mais gostaria de conhecer?
4. O que faz você dar mais risada?
5. O que você mais gostaria de poder fazer, mas não pode?
6. Como você prefere preencher o seu tempo de lazer?
7. Que importância tem a religião na sua vida?
8. O que mais o (a) aborrece?
9. Qual a emoção mais difícil de controlar?
10. Qual a comida que você menos gosta?
11. Qual a comida que você mais gosta?
12. Que traço de personalidade é mais marcante para você?
13. Quais foram os maiores castigos ou críticas recebidas na sua infância?
14. Quais as atividades mais marcantes que você participou como estudante?
15. Como você se sente em relação ao seu nome?
16. Você gosta mais de viver numa casa ou apartamento?
17. Qual a pessoa que você mais admira?
18. O que você mais valoriza na vida?
19. Qual o seu esporte preferido?
20. O que lhe proporciona alegria?
21. O que deixa você triste?
22. Qual o seu sonho de consumo?
23. O que lhe traz medo?
24. Qual característica sua que só é reconhecida pelos outros depois de algum tempo de convivência?
25. Relate uma situação que lhe remeta a um momento de grande aprendizado.
26. Relate algo que você não curte, mas faz por algum motivo.
27. Relate algo que você curte, mas não faz?
28. Qual é sua característica marcante de acordo com a opinião dos seus amigos e conhecidos?
29. O que você espera que aconteça para proporcionar um futuro melhor?

ATIVIDADE 07 – AVALIAÇÃO

Objetivos específicos: Refletir sobre a aula, manifestando sua opinião, críticas e considerações exercitando a escuta sensível.

Conteúdo

Avaliação

Recursos: conversa informal, caderno do educador para registros

Procedimentos do Educador

- Convidar todos a manifestar sua impressão sobre o primeiro encontro.
- Deixá-los à vontade.
- Perguntar como se sentiam no início e como se sentem agora.
- Anotar as falas, registrando no caderno do educador.

=====

REGISTRO PÓS-AULA (17.10.2011)

Nosso primeiro dia de aula foi repleto de novidades, expectativas e inseguranças. Isso foi claramente percebido no próprio comportamento dos educandos e no sentimento das educadoras.

Senti que começava uma jornada enriquecedora para mim, pois estava diante de uma possibilidade única de compartilhar meu conhecimento com outras pessoas que não tinham tido a oportunidade de aprender o conteúdo do ensino formal na idade escolar regular.

Embora estivesse amparada por um bom planejamento de aula, a sensação do novo e do inesperado era forte. Porém, essa sensação era abrandada pela certeza de que eu tinha a melhor das intenções de acertar e, acima de tudo, de que a inspiração que me movia era a da solidariedade, era a vontade de doar, receber e retribuir de que tanto eu havia escutado em minhas aulas sobre a Economia Solidária no Projeto 3 e 4.

Parecia-me um bom começo.

E então demos mais um passo da caminhada, não o primeiro, visto que estávamos todos ali após uma sucessão de outros passos e escolhas que nos levaram até aquele momento de encontro.

E foi assim que partimos para a primeira atividade planejada: o círculo de cultura. Tal atividade já havia sido descrita várias vezes durante minha trajetória acadêmica: nas aulas de Projeto 3 e 4, no próprio curso CFA – Cursos de Formação de Alfabetizadores do BB Educar, na disciplina de Processo de Alfabetização e Língua Materna.

O círculo de cultura teve como objetivo específico a apresentação e integração dos participantes com os demais do grupo. Sabemos que o vínculo de confiança não acontece de um momento para o outro, mas sabemos que se constrói no cotidiano, a partir de nossas manifestações de apreço, compreensão e empatia.

Convidamos todos a formar um círculo o que já causou certo desconforto para alguns, que ao final da aula declararam estranheza quanto àquela atividade. Ainda assim, explicamos que se tratava de uma forma mais participativa de interagir, uma vez que tínhamos a possibilidade de olharmos uns aos outros, nos reconhecer ou não na fala do outro, nos identificar ou não com sentimentos e atitudes. Explicamos também que se tratava de uma das atividades propostas por Paulo Freire. Explicamos um pouco sobre quem era Paulo Freire e sua representatividade nas ações de educação de jovens e adultos, mostrando uma foto dele.

Formado o círculo, colocamos os crachás pré-confeccionados com o nome de cada um em cima de uma mesa ao centro. Pedimos então que cada um pegasse o crachá com seu nome e, começando pelas educadoras, cada um deveria se apresentar resumidamente falando seu nome, sua cidade e estado de origem, há quanto tempo morava em Brasília e qual sua expectativa sobre o curso.

Nossa intenção era uma breve apresentação para que, em um segundo momento, eles pudessem conversar em pares e pudessem contar mais sobre si mesmos. A proposta era que cada um apresentasse seu “parceiro”, dessa forma exigiria deles mais atenção ao ouvir o colega, o que explicamos se tratar da escuta sensível: ouvir sensivelmente, ter empatia e não se apressar em elaborar um discurso de retorno.

Explicamos também que durante suas falas, registraríamos por escrito as informações mais importantes para que pudéssemos começar a conhecê-los melhor e que eles não se importassem com isso, pois seriam registros importantes posteriormente. Assim aconteceu a apresentação de todos pelos seus parceiros de duplas. Muitas semelhanças e diferenças foram identificadas. Nosso grupo estava composto, na sua maior parte, de nordestinos, muitos provenientes dos estados do Piauí, Maranhão e Pernambuco.

Fizemos o fechamento perguntando se alguém mais gostaria de falar alguma coisa. Explicamos que os encontros aconteceriam às segundas e quartas das 7 às 10 horas da noite e que cada um teria muito que contribuir com suas experiências, vivências e conhecimentos, estaríamos juntos em uma jornada, fazendo nosso futuro, construindo novos conhecimentos em busca de nossa autonomia.

O significado da palavra autonomia foi resgatado e melhor explicitado após a apresentação dos desenhos feitos à boca pelo artista Doug Landis. Separamos 12 pinturas do referido artista e pedimos que fizessem circular entre nós, explicando que haviam sido feitas com a boca por um artista sem braços. Destacamos que, ao longo de nossa vida, enfrentamos obstáculos, perdas e dificuldades diversas que são verdadeiras oportunidades de superação. São desafios que nos provocam atitudes diante da vida e que existem para que possamos nos aperfeiçoar sempre como seres humanos.

Assim, situamos o conceito de autonomia de Paulo Freire como uma possibilidade de estar no mundo a partir de nossas próprias decisões e não das decisões de outros, a possibilidade de traçarmos nosso próprio caminho, a partir de nossas qualidades e vontade de superação.

Todos os registros de aula tornaram-se de suma importância, pois tudo aquilo que foi observado serviria mais tarde como ponto de partida, para conhecermos melhor nossos educandos e conhecermos melhor nós mesmas, nossas limitações e possibilidades.

Interessante observar que a atividade teve uma duração aproximada de 2 horas, contra uma previsão inicial de 1 hora. De fato, nos pareceu uma das atividades mais importantes daquele dia e não poderia ser interrompida por simples necessidade de adequação do tempo planejado. Para tanto, nós reavaliamos o tempo e escolhemos não interromper a atividade sob pena de não alcançarmos o objetivo proposto.

Pareceu-nos a melhor escolha e, para tanto, optamos deixar a atividade 4 “Reconhecendo o Espaço Físico” e a atividade 5 “Acordo de Convívio” para a próxima aula. Sendo assim, após a conclusão da primeira atividade, prosseguimos em nosso planejamento com a atividade 3 “Lanche”, pois o adiantado da hora já nos permitia pensar em um breve intervalo.

Sem prejuízo das sub-atividades descritas em nosso planejamento, convidamos todos a partilhar um lanche organizado pelas educadoras para aquele momento.

Disponibilizamos sabão e papel-toalha a todos, pois a escola não possui esse material no turno da noite, ao que todos ficaram satisfeitos com a iniciativa e se dirigiram aos banheiros para higiene das mãos.

Durante o lanche, percebemos muita timidez, pouca conversa, mas alguns já se conheciam previamente e conversavam sobre outros assuntos, de modo que o objetivo de confraternizar, relaxar e descontraír foi alcançado.

Voltando ao planejamento, demos continuidade à atividade 2 “Exposição sobre o BB Educar e entrega do material didático”. Fizemos uma breve apresentação sobre o Programa BB Educar (sua estrutura e funcionamento), com o objetivo de que os educandos conhecessem o Programa e o contexto do qual iriam fazer parte, identificando assim o caráter público do Programa e as premissas educacionais de Paulo Freire.

Para tanto, utilizamos o quadro sugerido no material de apoio ao alfabetizador “Dialogando com o Alfabetizador”, constante da página 15. Lemos em voz alta, apontando cada palavra e sílaba com a mão. O texto trazia a seguinte inscrição: “Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos – BB Educar – Primeiro Encontro – Sejam bem-vindos”.

Assim, apresentamos o Programa conforme consta de nosso planejamento de aula – atividade 2. Ao esclarecermos que todos poderiam colaborar de alguma forma, pois, provavelmente, cada um havia passado por trajetórias diferentes em relação ao processo de aprendizagem, um deles se manifestou dizendo que realmente não havia participado até aquele momento de nenhum curso, nem quando era criança.

Reforçamos a necessidade de respeito um pelo outro e incentivamos a colaboração de todos naquilo que se sentissem capazes de fazer, pois o que era conhecido de um poderia não ser conhecido de outro e vice-versa.

Procedemos a distribuição do material didático explicando que, naquele momento, o material seria destinado para aquelas pessoas que se cadastraram na época certa e que os demais interessados deveriam continuar freqüentando as aulas ainda que não oficialmente inscritos, pois já havíamos detectado desistências ao fim da primeira aula.

Algumas dúvidas surgiram a respeito da possibilidade de todos ganharem o material didático. Também surgiram dúvidas sobre as consultas oftalmológicas oferecidas pelo Programa e a entrega dos óculos encomendados previamente ao início das aulas.

Nesse momento, percebemos a ansiedade de todos em receber o material didático e cumpre-nos observar que alguns deles se mostraram decepcionados por não encontrar um livro ou cartilha para utilização no curso.

Coube-nos informar que a proposta do Programa não é adotar um determinado livro didático, mas sim, construir esse material a partir dos temas surgidos em sala e assim trabalharmos aos poucos os conteúdos propostos na Matriz de Referência do Programa, documento que também foi explicado ao grupo.

Após várias perguntas e respostas, demos continuidade à aula propondo a apresentação da atividade que seria feita em casa. Seguindo os procedimentos do educador constante do planejamento de aula, explicamos que cada um deveria sortear uma pergunta e pensar em uma resposta que seria compartilhada com a turma na próxima aula.

Todos sortearam e, ao lado de cada um, lemos o que dizia a pergunta e explicamos o que significava. Tratava-se de atividade para conhecê-los melhor e as respostas seriam compartilhadas em voz alta e serviriam de conteúdo para a nossa próxima aula.

Entendida a tarefa, seguimos perguntando para turma o que tinham achado daquele primeiro encontro. Essa atividade de avaliação havia sido prevista ao final de toda aula e seria o momento em que os educandos poderiam expor suas impressões e expectativas sobre a aula: reflexão, manifestação de suas opiniões e exercício da escuta sensível.

Poucos se manifestaram nesse momento, mas de um modo geral a fala do grupo foi de aprovação, o que só poderíamos ter mais certeza ao longo de nossos próximos encontros.

Planejamento Pedagógico – Aula 02

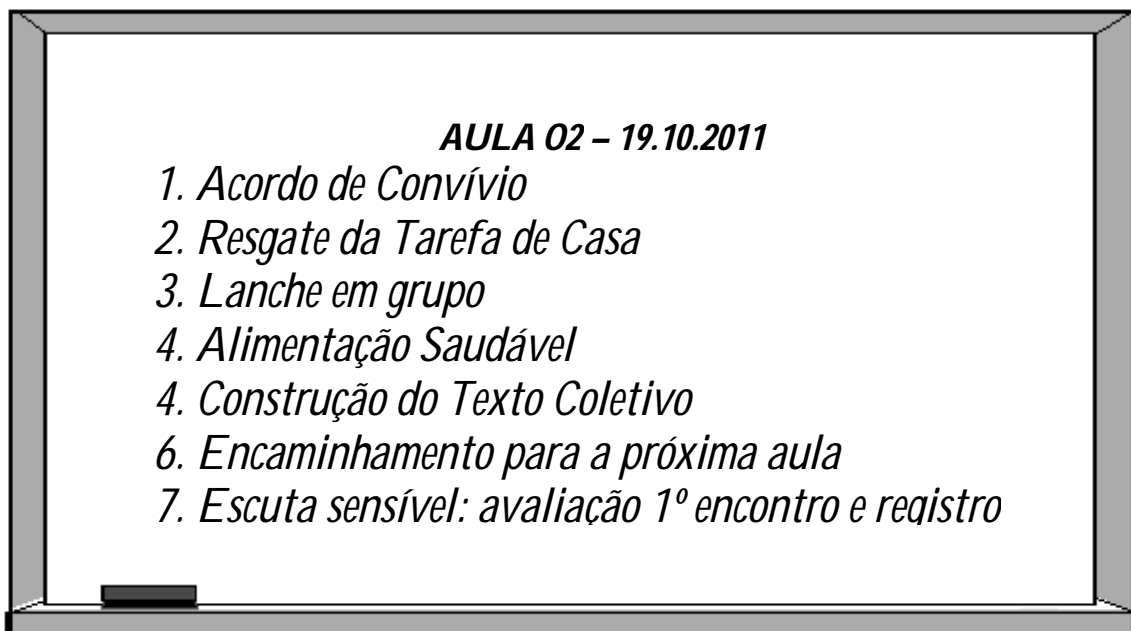
Programa BB Educar – Edição 2011 – Turma Transformando Vidas

Núcleo Vila Planalto – Brasília – DF

Educadoras: Cláudia Cavendish e Rosângela Poletto

Tema Gerador: O sujeito, o grupo e o espaço

Subtema: Acolhimento e vínculo de confiança



ATIVIDADE 01 – ACORDO DE CONVÍVIO

Objetivo específico: Expressar e compartilhar opiniões a fim de harmonizar horários, regras de convívio, distribuição de tarefas.

Conteúdo

Acordo de convívio

Recursos: folha de flip ou cartolina, pincel

Procedimentos do Educador

- Explicar o que significa um acordo de convívio, a necessidade de respeito mútuo, a importância do compromisso, a necessidade de participar das tarefas em sala e em casa.
- Pedir que falem sobre o curso que gostariam de frequentar.
- Promover diálogos sobre aspectos que devem ser considerados por todos para que o curso se desenvolva da melhor forma possível.
- Explicar sobre a necessidade de comparecimento de todos inclusive em relação ao horário. Avisar se precisar faltar. Participação no lanche: quem traz o quê. Quem ajuda a arrumar a sala ao final?
- Atividade Coringa: pedir que recortem figuras ou façam desenhos que ilustrem aqueles itens citados.
- Registrar os pontos acordados em cartolina para que seja afixada na parede da sala.

ATIVIDADE 02 – RESGATE DA TAREFA DE CASA

Objetivos específicos: Compartilhar as respostas que cada um pensou, sentindo-se mais à vontade com o grupo.

Conteúdo

Memória e reflexão pessoal

Recursos: quadro branco e pincel

Procedimentos do Educador

- Pedir que um voluntário comece lendo sua pergunta e dando a resposta ou apenas falar o que lembrou da pergunta.
- Perguntar para o participante qual palavra ele julga mais importante nessa resposta.
- Registrar no quadro branco as palavras escolhidas para posterior elaboração de texto coletivo.
- Incentivar a participação de todos sem expor ou insistir. Ao final de cada depoimento, as palavras registradas serão as palavras geradoras do texto coletivo.

ATIVIDADE 03 – LANCHE

Objetivos específicos: Confraternização do grupo, relaxamento e descontração.

Conteúdo

Lanche comunitário

Recursos: mesas, copos descartáveis, guardanapos.

Procedimentos do Educador

- Convidar todos para participar do lanche. Deixá-los à vontade, interagir, conversar.

ATIVIDADE 04 – LEVANTAMENTO E REGISTRO DAS FRUTAS PREFERIDAS

Objetivos específicos: Confraternização do grupo, relaxamento, descontração, demonstrar seu conhecimento sobre frutas. Identificar as diferentes particularidades entre as regiões e estados do país.

Conteúdo

Escrita e leitura

Recursos: quadro branco e pinceis

Procedimentos do Educador

- Interagir com a turma, convidando-os a listar as frutas de que mais gostam.
- Problematizar se algumas frutas são frutas ou frutos.
- Escrever no quadro branco as frutas citadas (em letra cursiva e em letra de forma).
- Explicar sobre a necessidade de termos uma vida saudável com alimentação balanceada, rica em verduras e frutas.
- Selecionar as frutas que serão trazidas para o lanche do próximo encontro.
- Verificar se tem alguém que quer ou pode trazer frutas.
- Pedir que todos copiem as frutas que serão trazidas na próxima aula nos dois tipos de letras.

ATIVIDADE 05 – CONSTRUÇÃO DO TEXTO COLETIVO

Objetivos específicos: Refletir e contribuir para a construção de um texto coletivo a partir das palavras destacadas na atividade anterior.

Conteúdo

O texto como meio de registro e comunicação

Recursos: quadro branco, pincel

Procedimentos do Educador

- Convidar todos a fazer uma reflexão sobre as palavras que foram destaque na atividade número 02.
- Perguntar quem gostaria de saber elaborar um texto. Explicar o que é um título e perguntar qual título eles sugerem.
- Sensibilizá-los para a possibilidade de que todos podem participar sem medo e sem vergonha. Colher sugestões para iniciar o texto, incentivando-os à criatividade.
- Fazer o registro das idéias no quadro branco, intervindo, se necessário, mas sem abortar as idéias do grupo.
- Verificar se todas as palavras foram contempladas. Ler o texto em voz alta, pedindo que acompanhem a leitura. Ler cada palavra localizando-as com a mão no quadro.
- Incentivá-los a cada vez estudar mais para que tenham autonomia de escrever seus próprios textos.
- Pedir que copiem o texto no caderno.

ATIVIDADE 06 – AVALIAÇÃO

Objetivos específicos: Refletir sobre a aula, manifestando sua opinião, críticas e considerações exercitando a escuta sensível.

Conteúdo

Avaliação

Recursos: conversa informal, caderno do educador para registros

Procedimentos do Educador

- Convidar todos a manifestar sua impressão sobre o primeiro encontro.
- Deixá-los à vontade.

- Perguntar como se sentiam no inicio e como se sentem agora.
- Anotar as falas, registrando no caderno do educador.

=====

REGISTRO PÓS-AULA (19.10.2011)

A primeira atividade do segundo encontro foi o “Acordo de Convívio” que estava previsto para acontecer na primeira aula e, devido a ajuste no planejamento, foi adiado para o segundo encontro.

O planejamento dessa aula ainda previa como tema gerador o sujeito e o grupo. As atividades ainda tinham como foco a familiarização e harmonização do grupo, por meio do registro de suas falas, do resgate do exercício de casa, da construção do texto coletivo e da relação das frutas preferidas.

Dessa forma, todos tiveram a oportunidade de falar um pouco sobre si mesmos, conhecendo-se melhor uns aos outros. Começava desde o primeiro encontro, a construção do vínculo de confiança entre educandos e entre educandos e educadoras.

Assim que a turma se organizou, demos as boas-vindas a todos e esclarecemos que hoje começaríamos nossas atividades discutindo o “Acordo de Convívio” e que o objetivo da atividade era expressar e compartilhar opiniões a fim de harmonizar horários, regras de convivência, distribuição de tarefas, entre outros assuntos.

A partir desse ponto, começamos a falar um pouco sobre o que é respeito mútuo, a importância do compromisso, a necessidade de participar das tarefas em sala e em casa, a importância da presença, da assiduidade e pontualidade.

Durante essa atividade, foi observada por uma das educadoras a realização de uma aula de ginástica para senhoras que acontecia nos dias de aula do BB Educar no pátio da escola, com o uso de som ambiente em altura elevada o que dificultava a comunicação em sala de aula. Observou-se que essa aula de ginástica acabava às 19h30.

A educanda D. Dorinha lembrou também que a maior parte da turma trabalhava fora e que só conseguia chegar a partir das 19h20 e que isso representava um problema para essas pessoas porque sempre perdiam o início da aula, além de atrapalhar o andamento do trabalho.

Por esses motivos, foi sugerida a alteração do horário de início da aula para 19h30, ao que foi esclarecido que o Programa previa 6 horas/aula por semana, não sendo possível diminuir a carga horária. Então, decidiu-se adiar o início da aula para 19h30 e terminar 22h30 para compensar a meia hora. Todos concordaram e pudemos registrar esses ajustes em uma folha de papel pardo, que pretendemos afixar na parede a cada aula.

Cabe registrar que a sala de aula que ocupamos não possui lâmpadas em número suficiente para clarear o ambiente e que, em alguns pontos, existem goteiras. Durante o dia funciona a turma do 5º ano do Ensino Fundamental, portanto compartilhamos o mesmo espaço com outro grupo de estudantes, não sendo possível afixar nas paredes nossa produção em sala, nem mesmo o mapa fornecido pelo Programa.

Até o momento ainda não recebemos os armários, a mesa do professor e as cadeiras dos alunos, mobiliário disponibilizado pelo Programa. Desse modo, o espaço físico reservado às nossas produções se encontra bastante limitado, não sendo possível a exposição dos trabalhos produzidos pelos educandos.

Desde então, estamos tentando junto à administração da escola, a reserva de outra sala de aula que fique disponibilizada apenas para a turma do BB Educar.

Em seguida, resgatamos a atividade da aula anterior que havia sido solicitada para fazer em casa: compartilhar as respostas que cada um pensou. Aqueles que se sentiram à vontade começaram lendo sua pergunta com a ajuda da educadora e falando a resposta para a turma. As perguntas foram elencadas em lista constante do planejamento da aula 2 e podem ser verificadas acima. Trata-se de perguntas de cunho pessoal que exploram mais as características de cada educando.

Como explicado na aula anterior, após as respostas era perguntado que palavra eles julgavam ser mais importante naquela resposta, ao que era feito um registro no quadro branco da palavra escolhida.

Após vários depoimentos, a proposta levada à turma era construir um texto coletivamente a partir daquelas palavras anotadas no quadro. E o nosso texto ficou assim:

SENTIR-SE BEM

A VIDA É BOA DE VIVER, TAMBÉM É BOM FAZER UMA FACULDADE E TIRAR NOTAS BOAS, MAS PARA ISSO É PRECISO APRENDER A LER.

A VERDADEIRA ALEGRIA NOS FAZ SORRIR. QUANDO TIVERMOS POLÍTICOS DIGNOS NOSSOS FILHOS TERÃO SEGURANÇA.

E AÍ IREMOS EM NOSSO CARRO COM MUITA PRUDÊNCIA PARA A CASA DA SIMPÁTICA AMIGA, COMER UMA DELICIOSA GALINHADA.

Cabe salientar que, embora o texto não apresente boa coesão textual, ele foi gerado pela própria turma em um momento de construção coletiva. Como educadoras, entendemos que aquele não seria o melhor momento de ensinar sobre gramática, semântica ou inteligência de texto. Nosso propósito era outro: mobilizar nossos educando para participar daquela construção, uma vez que as palavras geradoras foram fruto de suas respostas ao dever de casa passado na aula anterior. Teria sido desastroso não considerar suas contribuições ainda que o texto não tenha ficado com um nível máximo de excelência.

Depois dessa atividade, convidamos todos a participar do lanche ainda patrocinado pelas educadoras. Em meio ao compartilhamento dos alimentos, a educadora Rosângela levantou o assunto “alimentos saudáveis” e todos começamos a conversar sobre frutas. Foi perguntado a cada um qual fruta preferiam. Enquanto todos se manifestavam, a educadora ia registrando as frutas citadas no quadro branco. A lista ficou imensa e pudemos conhecer várias frutas de nomes diferentes e que depois descobrimos que tinham outras denominações em outras regiões do país. Discutimos sobre a raridade ou não das frutas, sobre frutas de época ou não, sobre frutas encontradas em Brasília e encontradas só fora daqui, sobre o preço das frutas, etc.

A participação foi intensa entre os educandos. A atividade proporcionou intenso debate sobre regionalismos, crenças e comidas típicas de cada região do Brasil. Exploramos, por exemplo, os diversos nomes dados à fruta tangerina, como mexerica, pocan ou bergamota.

Ao final foi proposto que o próximo lanche fosse só de frutas ou de sucos naturais. E alguns se comprometeram a trazer algumas frutas que tinham em seus próprios quintais. Deusufla ficou de trazer o suco de caju, Miguel se comprometeu a trazer uma fruta chamada “condessa” e que todos desconheciam. A educadora ficou de trazer as frutas mais votadas e que estavam na época.

A lista de frutas registrada no quadro branco ficou assim: morango, pinha, abacaxi, abacate, condessa, uva, banana, maçã, manga, mamão, melão, melancia, pêra, fruta do conde, graviola, pitanga, pitomba. Ao final, os educandos registraram no caderno as frutas eleitas para o próximo lanche.

Interessante notar, desde a primeira aula, as diversas fases em que se encontram os educandos. Alguns, com dificuldade, já sabem ler, outros não conseguem identificar vogais e consoantes. Percebemos claramente a heterogeneidade da turma tanto quanto à idade quanto em relação ao nível de escolaridade de cada um.

Tal fato me causou forte impacto, tendo em vista a real necessidade de atendimento quase individual, de acordo com o potencial de cada educando e de acordo com o conhecimento que cada um possuía. Esse revelou-se até o momento o maior dos meus desafios, para além de um espaço físico inadequado ou da falta de luminosidade na sala de aula. A constatação dessa diversidade de conhecimentos e diversidade cultural revela a realidade tal como ela é e para uma educadora que inicia sua jornada na prática docente torna-se um verdadeiro desafio lidar com isso.

A aula finalizou com a avaliação do dia e o relato das pessoas sobre o que acharam das atividades. Todos estavam muito animados com o lanche da próxima aula e com a possibilidade de contribuir com o lanche coletivo.

Era possível perceber certo sentido de coletividade: o prazer de participar cada qual da sua forma e como podia. Sentiam-se mais valorizados. O próximo lanche seria organizado também entre eles. Lembrei-me mais uma vez da Dádiva: doar, receber e retribuir. Dessa forma, sentimo-nos mais dignos, mais participativos, mais cidadãos.

Planejamento Pedagógico – Aula 03

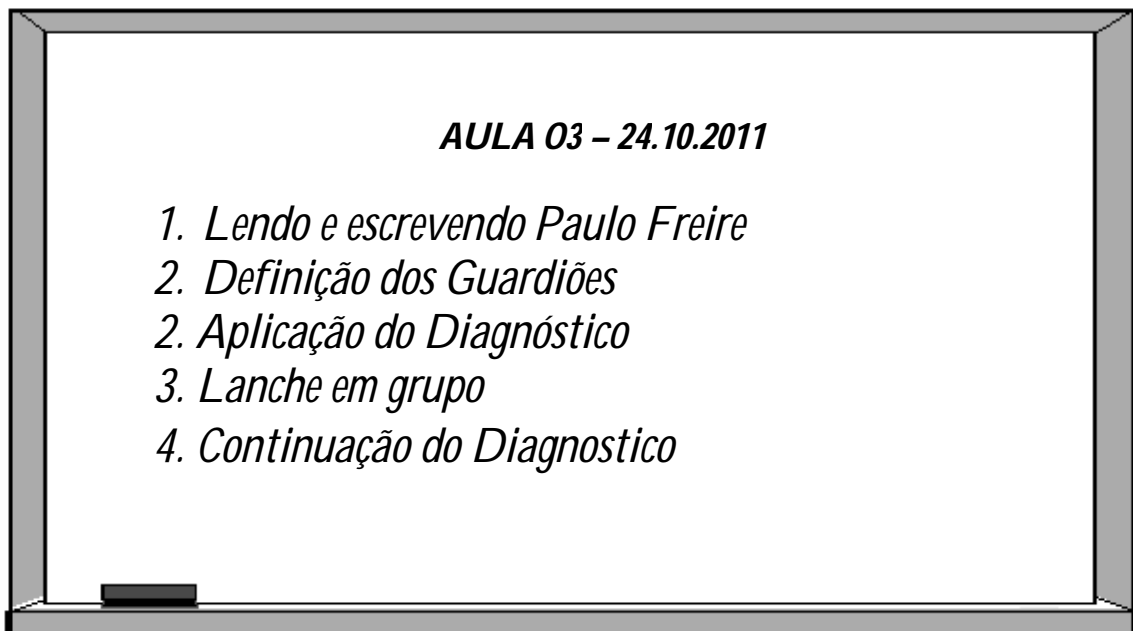
Programa BB Educar – Edição 2011 – Turma Transformando Vidas

Núcleo Vila Planalto – Brasília – DF

Educadoras: Cláudia Cavendish e Rosângela Poletto

Tema Gerador: Paulo Freire e o sujeito

Subtema: Reconhecimento do Aprendido



ATIVIDADE 01 – LENDO E ESCRREVENDO PAULO FREIRE

Objetivos específicos: Refletir sobre a frase de Paulo Freire “A educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo.”, praticando a leitura e a escrita.

Conteúdo

Leitura do mundo e leitura da palavra

Recursos: Quadro branco e pinceis

Procedimentos do Educador

- Escrever no quadro branco a frase abaixo em letra cursiva e em letra de forma. Ler em voz alta o texto e perguntar o que eles acham da frase. “A educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo.”
- Incentivar que externem suas impressões, o que sentem sobre a frase.
- Lembrar sobre a possibilidade que temos de dar, receber e retribuir como forma de estar no mundo. Lembrar que cada um de nós é importante e cada um de nós pode melhorar ou piorar o mundo.
- Pedir que copiem a frase no caderno.

ATIVIDADE 02 – DEFINIÇÃO DOS GUARDIÕES

Objetivos específicos: Reconhecer-se como parte do grupo dando a contribuição que é possível a cada um.

Conteúdo

Solidariedade

Recursos: quadro branco ou cartolina

Procedimentos do Educador

- Explicar do que se trata a atividade: definição de pessoas que irão se responsabilizar por quatro itens da aula: tempo, notícias, lanche e memória.
- Explicar o significado de cada uma dessas atribuições.
- Pedir que se manifestem sobre qual atribuição querem assumir para a aula seguinte.
- No caso de ninguém se candidatar, sugerir nomes perguntando a disponibilidade.
- Registrar no quadro branco as pessoas, as atribuições e os dias em que cada um vai atuar.

ATIVIDADE 03 – APLICAÇÃO DO DIAGNÓSTICO

Objetivos específicos: Responder ao diagnóstico individualmente.

Conteúdo

Avaliação Conhecimento Formal prévio

Recursos: ficha de avaliação e diagnóstico

Procedimentos do Educador

- Explicar como funciona a aplicação do diagnóstico e para que ele serve.
- Deixá-los à vontade para pedir ajudar ou tirar dúvidas

ATIVIDADE 04 – LANCHE

Objetivos específicos: Confraternização do grupo, relaxamento e descontração.

Conteúdo

Lanche comunitário

Recursos: mesas, copos descartáveis, guardanapos.

Procedimentos do Educador

Convidar todos para participar do lanche. Deixá-los à vontade, interagir, conversar.

ATIVIDADE 05 – CONTINUAÇÃO DO DIAGNÓSTICO

Objetivos específicos: Responder ao diagnóstico individualmente

Conteúdo

Avaliação Conhecimento Formal prévio

Recursos: ficha de avaliação e diagnóstico

Procedimentos do Educador

- Atender individualmente as solicitações, tirando dúvidas e observando a desenvoltura com que os educandos realizam o diagnóstico.
- Ao final da aula, antes que todos saiam, perguntar se eles gostariam de ter material didático de apoio para as atividades. Explicar que o BB Educar fornecerá os kits e que esse material deverá ser trazido para a sala de aula.

REGISTRO PÓS-AULA (24.10.2011)

O tema gerador dessa aula foi Paulo Freire e o sujeito. Nossa intenção era falar um pouco mais sobre Paulo Freire, sua representatividade para a educação popular, sua visão de ser humano e de mundo.

Trabalhamos a frase: “A Educação não muda o mundo. A Educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo”. Os alunos concordaram com a frase entendendo que somente através da educação podemos ser instrumentos de transformação.

Ao solicitar que copiassem a frase no caderno alguns alunos mostraram-se inseguros, com receio de não conseguirem. Tentamos estimulá-los até que conseguissem compreender que através do erro também se aprende.

Nossos registros no quadro branco, sempre que possível, fazemos com os dois tipos de letra: cursiva e caixa alta, para que os próprios educandos se sintam à vontade para identificar por qual letra sente maior facilidade. Percebemos que a maioria deles transcreveu o texto utilizando o alfabeto em caixa alta.

Iniciamos a aplicação do diagnóstico e foi possível observar que grande parte dos educandos se sentiu bastante animada, embora tenhamos identificado as dificuldades de cada um deles em relação à leitura, à escrita, ao reconhecimento de letras e números.

Reservei ao espaço “considerações finais” minhas impressões sobre a aplicação do diagnóstico.

Planejamento Pedagógico – Aula 04

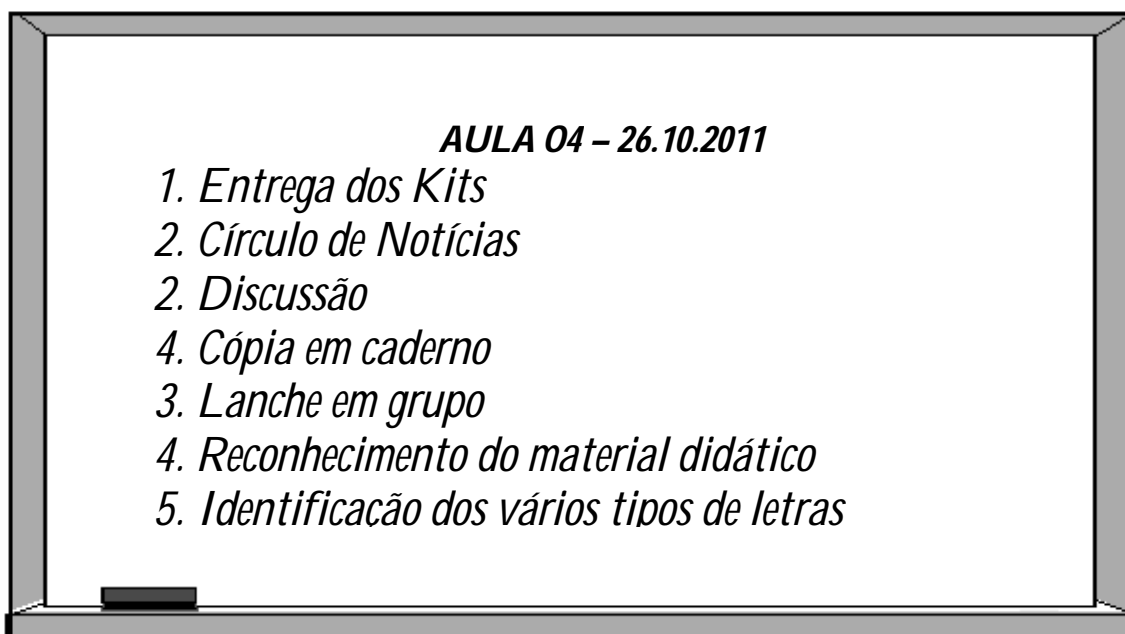
Programa BB Educar – Edição 2011 – Turma Transformando Vidas

Núcleo Vila Planalto – Brasília – DF

Educadoras: Cláudia Cavendish e Rosângela Poletto

Tema Gerador: Alfabeto

Subtema: Reconhecendo sons e grafias



ATIVIDADE 01 – ENTREGA DOS KITS - MATERIAL DIDÁTICO

Objetivos específicos: Reconhecer o material didático fornecido pelo Programa como instrumento de apoio à aprendizagem e fixação do conhecimento

Conteúdo

Alfabeto Móvel

Recursos: Kits BB Educar

Procedimentos do Educador

- Explicar a origem do material didático, esclarecendo sobre o objetivo e a função social do BB Educar.
- Explicar que, nesse momento, apenas as pessoas que se inscreveram previamente terão acesso ao material e que, para os demais será verificada a possibilidade de cessão de mais kits. Explicar que isso não invalida a participação deles nas aulas e que as educadoras podem oferecer o caderno para anotações.
- Distribuir os kits por ordem da chamada.
- Solicitar que, por enquanto, não abram as bolsas pois faremos uma atividade logo após o lanche.

ATIVIDADE 02 – CÍRCULO DE NOTÍCIAS E DISCUSSÃO

Objetivos específicos: Compartilhar com os demais as notícias em destaque no dia, por meio da fala do guardião da notícia.

Conteúdo

Notícia

Recursos: nenhum

Procedimentos do Educador

- Pedir que todos se organizem em círculo para que seja feita a escuta das notícias trazidas pelo guardião, definido na aula anterior.
- A cada notícia apresentada, tentar fomentar o assunto de forma a despertar a curiosidade dos educandos e sua capacidade crítica.
- Anotar no quadro as palavras mais significativas que o grupo apresentou durante a discussão.
- Conduzir a atividade de forma a incentivar a participação de todos.

ATIVIDADE 03 – REGISTRO DE PALAVRAS – CÓPIA NO CADERNO

Objetivos específicos: Registrar as palavras mais significativas destacadas da atividade anterior

Conteúdo

Escrita

Recursos: caderno dos educandos

Procedimentos do Educador

- Orientar individualmente os educandos a respeito do registro no caderno.
- Solicitar que façam a releitura das palavras como tarefa de casa.

ATIVIDADE 04 – LANCHE

Objetivos específicos: Confraternização do grupo, relaxamento e descontração.

Conteúdo

Lanche comunitário

Recursos: mesas, copos descartáveis, guardanapos.

Procedimentos do Educador

- Convidar todos para participar do lanche. Deixá-los à vontade, interagir, conversar.

ATIVIDADE 05 – RECONHECIMENTO DO MATERIAL DIDÁTICO

Objetivo específico: Identificar os itens constantes dos Kits, montar o dado, o estojo e organizar os demais itens

Conteúdo

Familiarização com o Kit BB Educar

Recursos: Kit BB Educar

Procedimentos do Educador

- Explicar como montar o dado e o estojo, ajudando-os nessa tarefa.
- Orientar sobre a necessidade de trazer a mochila em todas as aulas.

ATIVIDADE 06 – IDENTIFICAÇÃO DOS DIVERSOS TIPOS DE LETRAS

Objetivos específicos: Separar as letras dos dois alfabetos (letra de imprensa e letra de forma) em saquinhos separados.

Conteúdo

Grafia das letras

Recursos: alfabeto móvel

Procedimentos do Educador

- Orientar os educandos na separação das letras, registrando no quadro o alfabeto letra de imprensa e o alfabeto letra de forma. Pedir que anotem no caderno.
- Explicar a utilização mais comum dos dois tipos de grafias (material de imprensa: revistas, jornais...)
- Acrescentar à atividade a apresentação da letra cursiva.

ATIVIDADE 07 – ENCAMINHAMENTO PARA A PRÓXIMA AULA

Objetivos específicos: Entender a tarefa a ser realizada em casa.

Conteúdo

Tarefa para casa

Recursos: nenhum

Procedimentos do Educador

- Pedir que cada um organize em casa os dois tipos de letras separadas anteriormente, de acordo com o referencial escrito no quadro e anotado no caderno.

ATIVIDADE 08 – AVALIAÇÃO

Objetivos específicos: Refletir sobre a aula, manifestando sua opinião, críticas e considerações exercitando a escuta sensível.

Conteúdo

Avaliação

Recursos: conversa informal, caderno do educador para registros

Procedimentos do Educador

- Convidar todos a manifestar sua impressão sobre o primeiro encontro.
- Deixá-los à vontade.
- Perguntar como se sentiam no início e como se sentem agora.
- Anotar as falas, registrando no caderno do educador.

REGISTRO PÓS-AULA (26.10.2011)

Iniciamos as atividades deste dia com a entrega dos Kits. Deixamos que os alunos manuseassem livremente o material didático e posteriormente esclarecemos os objetivos e a função social do Projeto BB Educar.

pós, o guardião da notícia do dia compartilhou as notícias em destaque e o grupo pôde expor suas idéias. Anotamos no quadro branco as palavras mais relevantes que surgiram meio à discussão. Todos participaram de forma efetiva.

Foi realizada a montagem do dado e do estojo, contidos no Kit. Os alunos foram bastante receptivos. A partir dessa montagem, realizamos atividade lúdica em grupo fazendo referência ao conteúdo de matematização, quando iniciamos a apresentação dos números naturais de 1 a 6 (dado) e depois os números 7, 8, 9 e 0.

Fizemos várias simulações de soma e subtração com o jogo do dado representando as respectivas operações no quadro branco, porém esclarecendo que existem várias formas de se desenvolver o raciocínio matemático (conta formal escrita, de cabeça, contando com os dedos, memorizando, usando a base 10, etc.). Esse esclarecimento foi necessário para desmistificar a idéia de que matemática só se aprende de uma forma.

Todos se sentiram à vontade com essa explicação e demos prosseguimento à atividade com a participação de todos. Percebemos, então, vários níveis diferentes de compreensão da matemática, o que nos auxiliou ainda mais em nosso diagnóstico.

Apresentamos o alfabeto móvel e os alunos separaram as letras de imprensa e de forma. Após, registraram as duas grafias no caderno. Pedimos que todos lessem em casa e registrassem mais uma vez as duas formas diferentes de grafia do alfabeto.

Em anexo, apresento as fotos que registraram esse momento. Foi mesmo especial. Todos estavam entusiasmados.

Planejamento Pedagógico – Aula 05

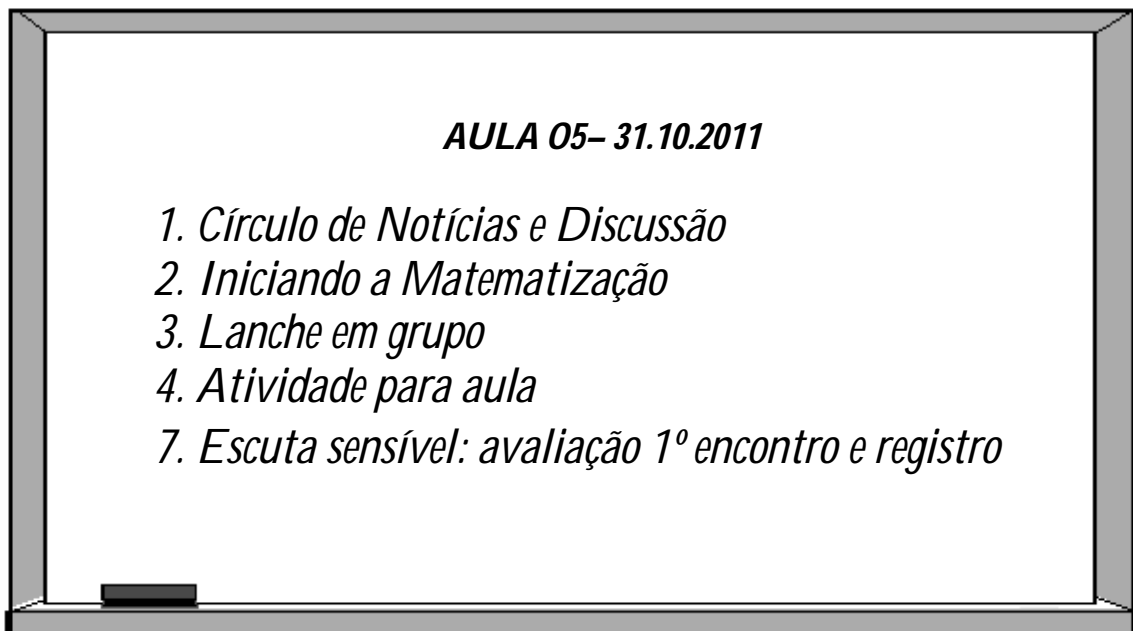
Programa BB Educar – Edição 2011 – Turma Transformando Vidas

Núcleo Vila Planalto – Brasília – DF

Educadoras: Cláudia Cavendish e Rosângela Poletto

Tema Gerador: Matemática

Subtema: Números Naturais



ATIVIDADE 01 – CÍRCULO DE NOTÍCIAS E DISCUSSÃO

Objetivos específicos: Compartilhar com os demais as notícias em destaque no dia, por meio da fala do guardião da notícia.

Conteúdo

Notícia

Recursos: nenhum

Procedimentos do Educador

- Pedir que todos se organizem em círculo para que seja feita a escuta das notícias trazidas pelo guardião, definido na aula anterior.
- A cada notícia apresentada, tentar fomentar o assunto de forma a despertar a curiosidade dos educandos e sua capacidade crítica.
- Anotar no quadro as palavras mais significativas que o grupo apresentou durante a discussão.
- Conduzir a atividade de forma a incentivar a participação de todos.

ATIVIDADE 02 – IDENTIFICANDO OS NÚMEROS NATURAIS

Objetivos específicos: Expressar oralmente e representar graficamente os números naturais (algarismos indo-arábicos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 0)

Conteúdo

Números Naturais (algarismos indo-arábicos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 0)

Recursos: dado montado na aula anterior

Procedimentos do Educador

- Pedir que todos peguem o dado montado na aula passada.
- Explicar que o dado é uma figura geométrica chamada cubo e que, posteriormente, iremos aprender sobre figuras geométricas.
- Explicar que, no momento, interessa sabermos que o dado tem 6 lados e que os lados estão representados com os algarismos de 1 a 6.
- Explicar que, hoje vamos estudar os números naturais, defini-los e explicar as suas funções: contar, medir, ordenar e codificar.
- Ler o texto: “O telefone celular modelo A-75, com apenas 4 cm de comprimento, foi o 1º em vendas no mês de maio; foram vendidas cerca de 48.000 unidades em todo o estado de São Paulo.”, destacando cada função do número no texto.
- Pedir que cada um jogue o dado e fale o número que saiu, registrando os números no quadro sem repetição, até que chegue à quantidade de 6.
- Pedir que eles completem a seqüência de números até o 9, inclusive lembrando do zero.
- Escrever no quadro o nome dos números por extenso e pedir que copiem.

ATIVIDADE 03 – LANCHE

Objetivos específicos: Confraternização do grupo, relaxamento e descontração.

Conteúdo

Lanche comunitário

Recursos: mesas, copos descartáveis, guardanapos.

Procedimentos do Educador

- Convidar todos para participar do lanche. Deixá-los à vontade, interagir, conversar.

ATIVIDADE 04 – SEQUENCIA DOS NÚMEROS NATURAIS

Objetivos específicos: Entender a infinidade de números naturais que podem ser representados com os algarismos 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

Conteúdo

Números Naturais

Recursos: quadro branco, pincel

Procedimentos do Educador

- Explicar que, depois do número 9, podemos sempre acrescentar 1 à sequência, obtendo novos números.
- Explicar que essa sequência é infinita e que a representamos com reticências.
- Explicar o que significam os termos antecedente, precedente, sucessor e consecutivo.
- Entregar a tabela de números e pedir que preencham com o antecessor e o sucessor.

ATIVIDADE 05 – SOMA COM ALGARISMOS DE 1 A 9

Objetivo específico: Fixar os números naturais por meio do exercício mental da operação de adição.

Conteúdo

Números Naturais

Recursos: quadro branco, pincel e dado

Procedimentos do Educador

- Pedir que, em duplas, cada um jogue o dado e diga qual número saiu.
- Registrar no quadro branco os números sorteados em forma de “continha”, explicando o que são parcelas, o que é soma ou total e o sinal + como símbolo da adição. Resolver a soma com os educandos.
- Destacar que cada um fez o cálculo da maneira que sabia: uns usaram os dedos, outros fizeram de cabeça, outros utilizaram objetos ou riscos no caderno.
- Salientar que cada um tem um modo e uma velocidade diferente de aprender.
- Continuar registrando o sorteio dos números no quadro, representando-o por meio das “continhas”, até a última dupla.

ATIVIDADE 06 – QUADRO DE VALOR DE LUGAR

Objetivos específicos: Conhecer o QVL e identificar o significado de unidade.

Conteúdo

Números Naturais

Recursos: QVL

Procedimentos do Educador

- Representar todos os algarismos de 1 a 9 no QVL com os canudos de cor verde. Sinalizar que no saquinho das unidades só poderá existir números de 1 a 9, ou zero caso queiram representar nenhuma unidade.
- Explicar que numa próxima aula, veremos como formar dezenas.

ATIVIDADE 07 – AVALIAÇÃO

Objetivos específicos: Refletir sobre a aula, manifestando sua opinião, críticas e considerações exercitando a escuta sensível.

Conteúdo

Avaliação

Recursos: conversa informal, caderno do educador para registros

Procedimentos do Educador

- Convidar todos a manifestar sua impressão sobre o primeiro encontro.
 - Deixá-los à vontade.
 - Perguntar como se sentiam no início e como se sentem agora.
 - Anotar as falas, registrando no caderno do educador.
-

REGISTRO PÓS-AULA (31.10.2011)

Através do dado confeccionado na aula anterior apresentamos os números naturais (0 a 9) e os alunos compreenderam que o dado é uma figura geométrica com seis lados. A identificação dos conceitos de contar, medir, ordenar e codificar foram aparentemente alcançados.

Conforme se observa nesta aula, os alunos foram capazes de registrar os números naturais aprendidos e copiá-los por extenso no caderno, além de identificarem antecessores e sucessores.

Interessante observar que o diagnóstico é, de fato, atividade contínua. Todo momento temos a oportunidade de verificar déficits de conhecimento e possibilidades de aprendizagem.

Embora a atividade das “contas” tenha sido bem recebida, e eles terem participado intensamente na resolução das mesmas, observamos que muitos não dominavam o conceito das palavras antecessor e sucessor.

Percebemos que, muitas vezes, a dificuldade de apreensão do conteúdo de matemática se explica pela dificuldade de compreensão das palavras, isto é, os comandos dos exercícios de matemática às vezes não eram plenamente entendidos pelos educando o que dificultava seu raciocínio na matemática.

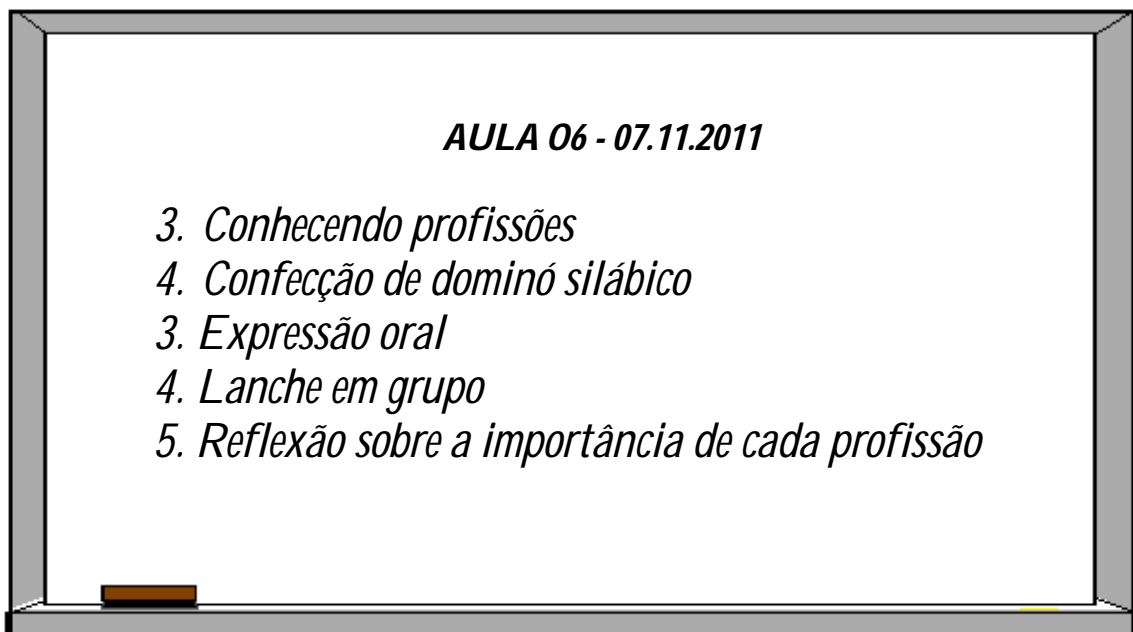
A partir desse ponto, começamos a atentar mais para interdisciplinaridade entre o conteúdo da Língua Portuguesa e o conteúdo da Matemática. Voltamos depois a esse tema em outra aula.

Planejamento Pedagógico – Aula 06

Programa BB Educar – Edição 2011 – Turma Transformando Vidas

Núcleo Vila Planalto – Brasília – DF

Educadoras: Cláudia Cavendish e Rosângela Poletto

Tema Gerador: Profissões**Subtema: O valor de cada ofício*****ATIVIDADE 01 – LEVANTAMENTO DAS DIVERSAS PROFISSÕES***

Objetivos específicos: Sentir-se inserido no contexto da sociedade, valorizando sua cultura, seu conhecimento e o valor de cada profissão exercida, por meio da troca de experiências entre os colegas e do diálogo coletivo.

Conteúdo

Leitura de palavra geradora, percepção fonema/sílaba.

Recursos: Quadro branco e pincéis, dominó de sílabas pertencentes a palavra geradora.

Procedimentos do Educador:

- Relacionar no quadro a profissão de cada aluno;
- Fazer leitura silábica a fim de relacionar a escrita com o som;
- Solicitar que os alunos selecionem uma das profissões;
- Destacar as vogais e as consoantes da palavra;
- Separar a palavra em sílabas e selecionar uma que contenha uma consoante para trabalhar as derivações a partir das vogais;
- Após, solicitar aos alunos que relacionem outras palavras que começam com as sílabas relacionadas, por exemplo: PA, PE, PI, PO, PU – PADEIRO, PÁ, PÁSSARO – PEDREIRO, PERNA, PERNAMBUCANO.

ATIVIDADE 02 – CONFECÇÃO DE DOMINÓ SILÁBICO

Objetivos específicos: Reconhecer as sílabas que formam as profissões elencadas em atividade anterior. Desenvolvimento da coordenação motora fina (escrita, recorte e colagem)

Conteúdo

Percepção visual e motora

Recursos: papel, cartolina colorida, tesoura e cola.

Procedimentos do Educador

- Explicar do que se trata a atividade: Confecção de fichas silábicas. As educadoras orientam os alunos a confeccionar fichas contendo as sílabas apresentadas.
- Dividir a sala em grupos pequenos e solicitar que usem as fichas silábicas para formar as palavras geradoras.
- Registrar no quadro branco as palavras.

ATIVIDADE 03 – EXPRESSÃO ORAL

Objetivos específicos: Expressar seu raciocínio mediante a apresentação de imagens.

Conteúdo

Som das vogais e derivação com consoantes.

Recursos: Cartazes com imagens de palavras iniciadas por vogais.

Procedimentos do Educador

- Apresentar as vogais e mostrar imagens cuja letra inicial é a da vogal verbalizada. Incentivar as tentativas dos alunos antes de dizer a resposta correta.
- Pedir aos alunos que tentem escrever, da forma que souberem, as palavras estudadas.

ATIVIDADE 04 – LANCHE

Objetivos específicos: Confraternização do grupo, relaxamento e descontração.

Conteúdo

Lanche comunitário

Recursos: mesas, copos descartáveis, guardanapos.

Procedimentos do Educador

- Convidar todos para participar do lanche. Deixá-los à vontade, interagir, conversar.

ATIVIDADE 05 – TEXTO SOBRE O VALOR DAS PROFISSÕES: REFLEXÃO E DEBATE

Objetivos específicos: Expor os pontos de vista acerca das profissões exercidas por cada um, suas perspectivas e desejos.

Conteúdo

Leitura, escuta, reflexão

Recursos: texto sobre o valor das profissões

Procedimentos do Educador

- Fazer a leitura em voz alta do texto abaixo:

“O trabalho é muito importante para todos os seres humanos”.

Sem trabalho não é possível sobreviver.

Mas, hoje em dia, não existe trabalho para todos.

Não existe porque a ganância dos poderosos é muito grande e porque as máquinas trabalham muito mais ligeiro e tiram muitos empregos.”

Turma BB Educar – Estrutural (DF) 2003

- Pedir que reflitam sobre o texto e exponham suas opiniões.
- Problematizar sobre aquelas pessoas que apenas investem dinheiro em bolsas de valores ou em imóveis, perguntar se essas pessoas estão trabalhando.
- Problematizar sobre as pessoas que não estão em condições de saúde para trabalhar, se ganham benefício e como é o atendimento público de saúde.
- Fomentar discussão sobre a importância de cada trabalho e a possibilidade que temos de almejar o crescimento profissional e até a reorientação da nossa profissão.

ATIVIDADE 07 – AVALIAÇÃO

Objetivos específicos: Refletir sobre a aula, manifestando sua opinião, críticas e considerações exercitando a escuta sensível.

Conteúdo

Avaliação

Recursos: conversa informal, caderno do educador para registros

Procedimentos do Educador

- Convidar todos a manifestar sua impressão sobre o primeiro encontro.
- Deixá-los à vontade.
- Perguntar como se sentiam no início e como se sentem agora.
- Anotar as falas, registrando no caderno do educador.

=====

REGISTRO PÓS-AULA (07.11.2011)

A aula iniciou-se no horário programado. Todos se cumprimentaram e conversaram sobre curiosidades do dia e sobre as atividades da aula que começaria.

Na memória da aula anterior foi destacado que cada aluno levou um livro para casa e se houvesse alguma curiosidade poderia compartilhar com os demais ou solicitar auxílio às professoras.

As educandas Laudicéia e Maria Mendes pediram um espaço para a leitura de um texto. Maria Mendes leu uma breve biografia de Aleijadinho, enquanto que a Laudicéia fez a leitura de um pequeno trecho de uma estória. Ao final da leitura, foi sugerido à Laudicéia que ficasse à vontade para continuar a leitura nas próximas aulas.

O segundo assunto referiu-se à relação das profissões de cada educando, registrando no quadro e procedendo a leitura silábica, a fim de relacionar a escrita com o som.

Todos aplaudiram as duas pela iniciativa.

Iniciada a atividade seguinte, foi solicitado que a turma contasse a todos quais suas profissões. Foram relacionadas no quadro as seguintes profissões: do lar, pensionista, auxiliar de serviços gerais, operador de máquinas, diarista, doméstica, quiosqueira, artesã, secretária, costureira e mestre de obras.

Então foi eleita pela turma uma das profissões. A palavra selecionada foi DIARISTA. A partir dessa palavra, foram destacadas as vogais e as consoantes e separadas as sílabas. Então foi escolhida uma das sílabas para que fossem desenvolvidas as respectivas derivações.

Então foram identificadas as vogais I, A e as consoantes D, R, S, T. Após, foram separadas as sílabas da palavra, exercitando a sonorização DI – A – RIS - TA.

A partir da sílaba DI, construímos:

D >> A DA

E DE

I DI

O DO

U DU

Então registramos as palavras que iniciavam com as sílabas DA e DE, como DADO, DEDO, DARDO, DEVEDOR e DVD.

Nesse momento, o educando Charles sugeriu a palavra DEVINA para a sílaba DE. Então se abriu uma discussão e a turma definiu e foi convencida que o adequado seria DIVINA e que poderíamos relacioná-la no conjunto de palavras iniciadas com DI.

A palavra DVD foi sugerida pelo Sr. Raimundo, então foi solicitada a descrição do objeto. E ele informou que se tratava de um disco. Naquele momento foi orientado que existem siglas, ou seja, uma letra que indica uma palavra, assim um conjunto de letras podem ter um significado de descrever um nome maior. (Foi feito um desafio ao Sr. Raimundo para nos trazer na próxima aula o significado da expressão DVD).

Neste momento fomos informados pela Sra. Liliane sobre o horário do lanche.

Após o lanche, a atividade foi retomada com as palavras que iniciavam com as sílabas DI, DO e DU:

DIVÍDA DO LAR DÚVIDA

DIVINA DÓLAR DUDA

DIÁRIO DOMÉSTICA

DIÁLOGO

E depois, as palavras que iniciam com a sílaba A, como: ALFABETO, ARTESÃ e AMIGO.

Por solicitação da Sra. Raimunda, será aplicado um ditado na próxima aula. Nesse momento, foi deixado como tarefa de casa que todos os alunos reescrevessem as profissões que foram registradas em sala de aula para que fizéssemos um ditado com as palavras trabalhadas.

No dia de hoje não tivemos os 5 minutos de cultura, pois a aluna responsável pela notícia não veio à aula, no caso a Sra. Deusuila.

Na distribuição das tarefas para a aula seguinte, restou a seguinte configuração: guardião do tempo - Sr. Raimundo, guardião do lanche - Sra. Dorinha, guardião da memória - Sra. Josi e o guardião da notícia - Sra. Conceição.

Planejamento Pedagógico – Aula 07

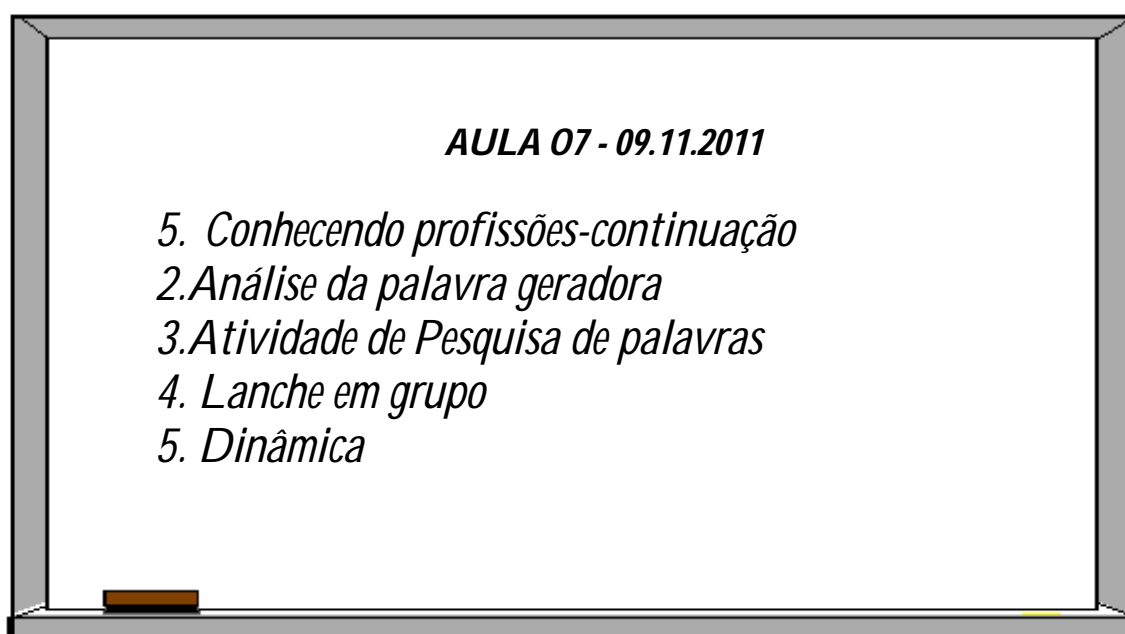
Programa BB Educar – Edição 2011 – Turma Transformando Vidas

Núcleo Vila Planalto – Brasília – DF

Educadoras: Cláudia Cavendish e Rosângela Poletto

Tema Gerador: Profissões

Subtema: O valor de cada ofício



ATIVIDADE 01 – LEVANTAMENTO DAS DIVERSAS PROFISSÕES

Objetivos específicos: Sentir-se inserido no contexto da sociedade, valorizando sua cultura, seu conhecimento e o valor de cada profissão exercida, por meio da troca de experiências entre os colegas e do diálogo coletivo.

Conteúdo

Leitura de palavra geradora, percepção fonema/sílaba.

Recursos: Quadro branco e pincéis, dominó de sílabas pertencentes a palavra geradora.

Procedimentos do Educador:

- Mediante conversa informal acrescentar novas profissões às já citadas em aula anterior.
- Definição de nova palavra geradora (leitura e silabação)

ATIVIDADE 02 – ANÁLISE DA PALAVRA GERADORA

Objetivos específicos: Reconhecer as sílabas da palavra geradora, vogais e consoantes.

Conteúdo

Percepção visual e sonora

Recursos: quadro e pincel

Procedimentos do Educador

- Desmembramento da palavra geradora.
- Identificação das vogais (por exemplo, da palavra *marceneiro*): A, E,O e das consoantes M,R,C,N.
- Exercitar a sonorização por meio da separação das sílabas da palavra geradora.
- Construção de novas sílabas a partir da sílaba MAR.

M A R A MA

 E ME

 I MI

 O MO

 U MU

- Registrar no quadro branco as palavras.

ATIVIDADE 03 – PESQUISA DE PALAVRAS

Objetivos específicos: Reconhecer em diversos textos, sílabas e vocábulos do mesmo tronco linguístico da palavra geradora.

Conteúdo

Famílias Silábicas

Recursos: Revistas ou jornais.

Procedimentos do Educador

- Solicitar aos alunos que pesquisem em revistas ou jornais palavras que iniciem com as sílabas MA, ME, MI.
- Após a localização das palavras pedir aos alunos que as recortem e colem em cartaz confeccionado pela educadora. Exemplo:

Palavras iniciadas com a sílaba MA	Palavras iniciadas com a sílaba ME	Palavras iniciadas com a sílaba MI
---------------------------------------	---------------------------------------	---------------------------------------

ATIVIDADE 04 – LANCHE

Objetivos específicos: Confraternização do grupo, relaxamento e descontração.

Conteúdo

Lanche comunitário

Recursos: mesas, copos descartáveis, guardanapos.

Procedimentos do Educador

- Convidar todos para participar do lanche. Deixá-los à vontade, interagir, conversar.

ATIVIDADE 05 – DINÂMICA

Objetivos específicos: Reconhecer as palavras usando a linguagem corporal. Identificar os avanços adquiridos na aquisição da linguagem e compará-los à atividade da mímica.

Conteúdo

Linguagem escrita e linguagem corporal

Recursos: caixa de presente com palavras nas fichinhas, papel, quadro e pincéis.

Procedimentos do Educador

- Dividir os participantes em equipes, e fazer um sorteio para ver a equipe que começa.
- Explicar que um dos participantes vai retirar a palavra da caixa sem que os demais vejam, em seguida deverá fazer a mímica da palavra para os colegas descobrirem, quem acertar leva ponto.
- Explicar que o aluno que acertou vai escrever a palavra na lousa e formar uma frase. As educadoras e amigos poderão ajudar. Ganha o grupo que fizer mais ponto, o grupo que perder deverá cumprir uma prenda para o grupo vencedor.

ATIVIDADE 07 – AVALIAÇÃO

Objetivos específicos: Refletir sobre a aula, manifestando sua opinião, críticas e considerações exercitando a escuta sensível.

Conteúdo

Avaliação

Recursos: conversa informal, caderno do educador para registros

Procedimentos do Educador

- Convidar todos a manifestar sua impressão sobre o primeiro encontro.
- Deixá-los à vontade.
- Perguntar como se sentiam no início e como se sentem agora.
- Anotar as falas, registrando no caderno do educador.

REGISTRO PÓS-AULA (09.11.2011)

Devido à má iluminação da sala de aula, fomos convidados pelo vice-diretor a conhecer outra sala com melhores condições, bem como nos foi apresentada uma sala, um pouco menor, mas que se concordássemos poderia se tornar nossa sala fixa.

Os educandos foram convidados a conhecer ambas as salas e preferimos aguardar outros educandos que não estavam presentes, para decidirmos em conjunto sobre as mudanças para a sala definitiva. Por ora decidimos ficar na sala melhor iluminada, com isso tomamos cerca de 20 minutos.

Iniciamos a aula com a participação do Raimundo que nos trouxe o significado da sigla DVD - (Digital Versatile Disc). Nesta oportunidade ele comentou sobre o desejo de se formar como técnico de informática. Diante dessa manifestação, acrescentamos ao cartaz confeccionado no primeiro dia de aula o objetivo e o sonho do Raimundo: se formar em Técnico em Informática.

Alguns educandos não estiveram na aula anterior, portanto, pedimos que informassem suas profissões para que pudéssemos acrescentar à lista. O Zé Rodrigues informou ser marceneiro e a Conceição Auxiliar de Serviços Gerais.

Relacionamos as profissões no quadro, acrescentando, marceneiro:

- Do lar
- Pensionista
- Auxiliar de serviços gerais
- Operador de máquinas
- Diarista
- Doméstica
- Quiosqueira
- Artesã
- Secretária
- Costureira
- Mestre de obras
- Marceneiro

A palavra selecionada para trabalharmos foi MARCENEIRO

Então identificamos as vogais A, E, I, O e as consoantes M, R, C, N. Após, separamos as sílabas da palavra, exercitando a sonorização “MAR CE NEI RO”.

A partir da sílaba MAR, construímos:

M > A MA

E ME

I MI

O MO

U MU

Palavras que iniciam com as sílabas MA, ME, MI:

MAR MEDO MINHOCA MO MU

MARCELO MERCADO MINERVA MO MU

MACACO

MAIONESE

Então pedimos para um aluno vir ao quadro e escrever uma palavra começando com MA. O Charles veio ao quadro e escreveu “MAIONEZE”, surgiu aí mais uma chance de falarmos sobre a familiaridade entre os sons de “S” e “Z”.

Então fizemos o intervalo para o lanche.

Retomamos o trabalho com as palavras, agora com aquelas que começam com as sílabas CA, CO, CU – CE e CI:

A partir da sílaba CE, construímos:

C -> A CA C-> E CE

O CO I CI

U CU

Palavras que iniciam com as sílabas CA, CO, CU – CE, CI:

CASA COMIDA CUSCUZ CEBOLA CI

CA COZINHAR

Abordamos também a separação das sílabas CE e CI e como se escreve formalmente as palavras que possuem som de “que”, bem como comentamos sobre as palavras que possuem som de CE e SE, CI e SI. (Não entramos em detalhes, pois notei que poderia gerar confusão – o momento não era propício).

Houve discussão sobre as palavras COMIDA ou CUMIDA, COZINHAR OU CUZINHAR, questionamentos sobre a palavra CASA ser com S ou Z.

Na palavra cuscuz, procurei trabalhar o som de “S” e de “Z” para diferenciar um do outro neste caso.

Aos 15 minutos para o encerramento, decidimos que como não haveria o compartilhar de notícias devido à falta da colega guardiã Conceição, faríamos o ditado proposto na aula anterior. Então solicitei que escrevessem a palavra “DOMÉSTICA”.

Passei de mesa em mesa e pude perceber que para a maioria o “S” não foi informado, assim tive a oportunidade de enfatizar o som da letra. Era perceptível que eles sabiam que faltava uma letra, mas estavam inseguros para incluí-la. Em outros casos, foi possível confirmar aqueles que se encontram na fase pré-silábica ou silábica, os quais necessitavam de acompanhamento mais efetivo.

Foram então eleitos os Guardiões da próxima aula. Tempo: Raimundo, Lanche: Deusuíla, Memória: Raimunda e Notícias: Dorinha.

Planejamento Pedagógico – Aula 08

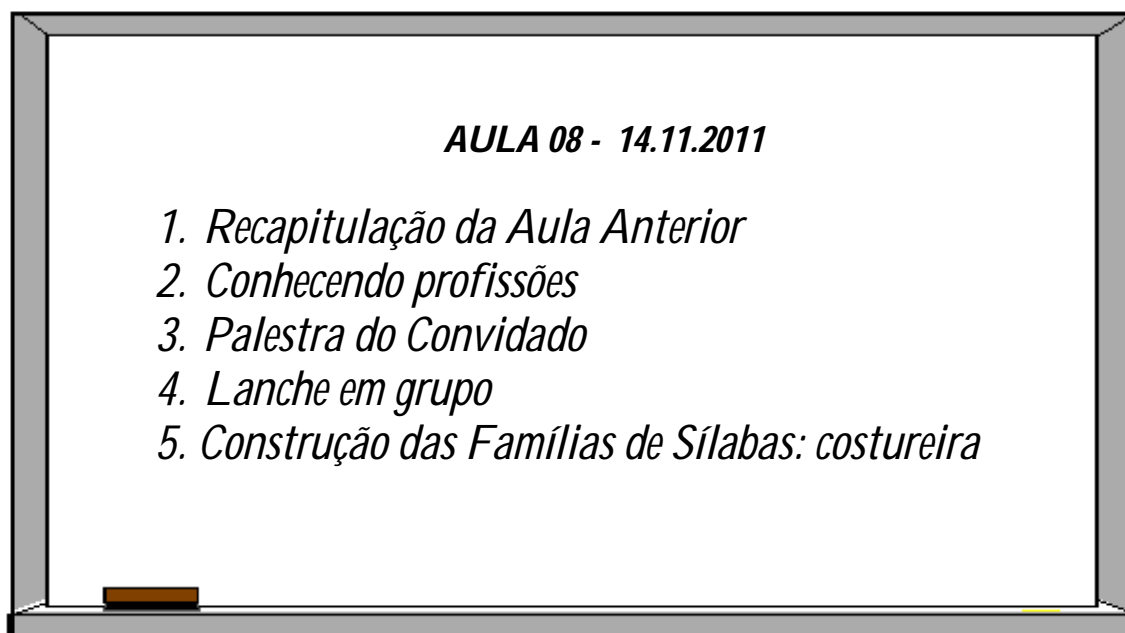
Programa BB Educar – Edição 2011 – Turma Transformando Vidas

Núcleo Vila Planalto – Brasília – DF

Educadoras: Cláudia Cavendish e Rosângela Poletto

Tema Gerador: Profissões

Subtema: O valor de cada ofício



ATIVIDADE 01 – RECAPITULAÇÃO DA AULA ANTERIOR

Objetivos específicos: Situar-se no momento presente e na continuidade do assunto tratado anteriormente

Conteúdo

Memória da aula passada

Recursos: nenhum

Procedimentos do Educador:

- Rememorar a aula anterior sobre profissões, lembrando que já falamos sobre a costureira e que agora vamos conhecer um pouco sobre o trabalho do escrivão de polícia civil.
- Apresentar o palestrante externo e deixá-los à vontade para fazer perguntas.

ATIVIDADE 02 – PALESTRA DO CONVIDADO

Objetivos específicos: Conhecer outra profissão, suas características, dificuldades e benefícios

Conteúdo

Profissões

Recursos: palestrante convidado

Procedimentos do Educador

- Fomentar clima de curiosidade acerca do que se está ouvindo.
- Após a palestra, abrir a fala a todos.

ATIVIDADE 03 – TRABALHANDO COM A PALAVRA GERADORA

Objetivos específicos: Conhecer mais uma família de sílabas.

Conteúdo

Sonorização e escrita de sílabas

Recursos: palavras trazidas pelo educando sobre sua profissão

Procedimentos do Educador

- Pedir que um educando fale sobre as palavras que fazem parte da sua realidade profissional.
- Registrar no quadro branco as palavras em letra cursiva e letra de forma.
- Escolher uma das palavras e eleger como palavra geradora.
- Desenvolver a palavra separando as sílabas e montando novas famílias

ATIVIDADE 04 – LANCHE

Objetivos específicos: Confraternização do grupo, relaxamento e descontração.

Conteúdo

Lanche comunitário

Recursos: mesas, copos descartáveis, guardanapos.

Procedimentos do Educador

- Convidar todos para participar do lanche. Deixá-los à vontade, interagir, conversar.

ATIVIDADE 05 – LEITURA DO TEXTO SOBRE OS NÚMEROS

Objetivos específicos: Acompanhar a leitura de um texto

Conteúdo

Leitura, escuta, reflexão

Recursos: texto

Procedimentos do Educador

- Fazer a leitura em voz alta do texto- música de Raul Seixas “Os Números”, pedindo que reflitam sobre o texto e exponham suas opiniões.
- Dar continuidade à atividade sobre os números, usando o QVL e explicando como surge uma dezena.

ATIVIDADE 07 – AVALIAÇÃO

Objetivos específicos: Refletir sobre a aula, manifestando sua opinião, críticas e considerações exercitando a escuta sensível.

Conteúdo

Avaliação

Recursos: conversa informal, caderno do educador para registros

Procedimentos do Educador

- Convidar todos a manifestar sua impressão sobre o primeiro encontro.
- Deixá-los à vontade, anotando as falas, registrando no caderno do educador.

=====

REGISTRO PÓS-AULA (14.11.2011)

Iniciamos a aula recapitulando a anterior. Explicamos que a aula de hoje daria continuidade à série de apresentações sobre as profissões, atividade iniciada anteriormente com o depoimento dos próprios educandos.

Assim recepcionamos nosso convidado (visita de um palestrante externo) cuja profissão é a de escrivão de polícia. Essa atividade estava prevista no planejamento de aula e tinha como objetivo trazer ao conhecimento dos alfabetizandos outras profissões diferentes das profissões citadas na aula anterior. A turma demonstrou interesse pela explanação do convidado e fez várias perguntas, as quais ele prontamente respondeu. Mediante o contexto da profissão de policial foi escolhida a palavra geradora “escrivão” para exercitar a sonorização e a escrita de sílabas.

Esse trabalho foi muito rico de contribuições quando do momento da separação silábica pelos sons e quando do desdobramento das sílabas es – cri – vão em outras sílabas e palavras da mesma família como escola, escova, criança, crivo, vão, trovão, etc.

Trabalhamos a música do Raul Seixas “Os Números”. Trabalhamos sonoridade, rima, leitura e interpretação de texto. Todos gostaram muito da atividade e registraram que outras atividades assim poderiam ser realizadas.

2.6. Formulários Utilizados

O Programa BB Educar está estruturado sobre vários pilares. Até agora, foram abordados aspectos conceituais, filosóficos e pedagógicos do programa. Entretanto, para que a operacionalização seja concretizada, várias outras iniciativas de ordem administrativa devem ser observadas visando garantir a efetividade de suas ações.

Um dos compromissos do educador formado pelo BB Educar consiste na constituição de núcleos de alfabetização nas comunidades em que atuam. Assim, o programa prevê várias etapas formais sem as quais ficaria prejudicado o sistema de acompanhamento e a efetividade do programa.

Todos os documentos disponibilizados pelo programa dão suporte e viabilizam a operacionalização das atividades diárias como cadastramento e encerramento dos núcleos, planejamento e acompanhamento pedagógico dos alfabetizandos, diagnósticos inicial e final, acompanhamento pelo coordenador pedagógico, etc.

Além desses documentos, o programa ainda disponibiliza dois outros de fundamental importância para a prática pedagógica: a Matriz de Referência e os Cadernos de Apoio ao educador “Diário do Alfabetizador” e “Dialogando com o Alfabetizador”.

Todos esses documentos estão devidamente anexados a esse trabalho, sendo alguns já preenchidos com os dados coletados da experiência em Vila Planalto, de forma que constituíram uma base importante para o direcionamento dos planos de aula e da análise e diagnóstico dos alfabetizandos.

Entre eles, cito abaixo alguns documentos e suas finalidades no processo como o formulário “Cadastramento e Encerramento do Núcleo – CEN”, que destina-se a formalizar as ações de cadastramento e encerramento no núcleo, constando dados de referência como endereço, condições de funcionamento, dados do alfabetizador, dados dos alfabetizandos, desde sua entrada no programa até sua conclusão ou desistência.

O formulário “Planejamento Pedagógico” – PP, que destina-se a subsidiar o educador em sua práxis pedagógica, orientando temas geradores, subtemas, conteúdos, objetivos e atividades, de modo que a cada aula seja identificado o tema gerador da próxima e, a partir daí, sejam desenvolvidos os conteúdos.

O formulário de Acompanhamento Pedagógico dos Alfabetizados – APA, que destina-se a registrar o desenvolvimento dos alfabetizados em relação à capacidade de oralidade, escrita e leitura, inclusive registrando a assiduidade dos alunos nas aulas.

O “Diagnóstico Inicial – DI”, que destina-se a avaliar a apreensão do alfabetizado em relação à capacidade de escrita, leitura e conhecimentos de matemática, para que seja possível aos educadores um atendimento personalizado em relação às suas limitações e possibilidades, inclusive avaliando o potencial dos educandos em partilhar suas experiências e conhecimentos com outros colegas.

O “Diagnóstico Final – DF”, que destina-se a avaliar o desenvolvimento do educando no período em que participou do programa, a fim de verificar a necessidade de permanência no programa ou encaminhamento para programas de ensino formal, EJA, técnicos ou profissionalizantes.

Por fim, a “Matriz de Referência – MR”, que destina-se a descrever o objetivo geral do programa, assim como os objetivos específicos de cada conteúdo curricular como Língua Portuguesa e Matemática. A Matriz de Referência é constituída de indicadores relacionados aos conhecimentos da oralidade, leitura e interpretação, escrita, sistema de numeração decimal, operações e apresenta os objetivos didáticos referentes ao conteúdo apresentado.

2.7. Análise e reflexões sobre a Prática Pedagógica enquanto educadora BB Educar

Uma das frases que se tornaram marcantes durante minha atuação nesse período como educadora do BB Educar foi uma frase dita por mim tão naturalmente, sem maiores intencionalidades no primeiro dia de aula.

Eu e minha parceira, Rosângela, havíamos chegado um pouco mais cedo à sala de aula na intenção de nos preparar para recepcionar os educandos que chegariam em breve. Já havíamos conhecido a sala anteriormente, por isso sabíamos que nossa estrutura de apoio ainda era incipiente.

O horário marcado era 19 horas. A sala de aula, previamente escolhida com o aval da direção do Centro de Ensino, nos esperava para o triunfal momento em que ocuparíamos aquele espaço físico com sonhos, esperanças, conhecimento e trabalho.

A sala tinha espaço razoável para a quantidade de educandos inscritos. Possuía várias carteiras com suas respectivas cadeiras, algumas quebradas, outras em bom uso. Nesse primeiro dia de aula, fomos brindados com uma chuva torrencial, ao que descobrimos que existiam várias goteiras dentro da sala. Outro detalhe não percebido anteriormente era a claridade da sala. Algumas lâmpadas estavam quebradas ou com reatores queimados, outras piscando sem parar. Como nossa primeira visita ocorreu durante o dia, esse fato havia passado despercebido.

Um bom quadro branco estava afixado na parede, mas sem iluminação adequada. Nas paredes, muito material produzido pela turma do ensino fundamental, mas tínhamos a orientação de que esse espaço não poderia ser compartilhado sob pena de atrapalhar as atividades das crianças durante o dia.

A sala também possuía dois grandes armários de ferro trancados a cadeado onde era guardado o material didático utilizado nas turmas do ensino fundamental que funcionavam no período matutino e vespertino. Não tínhamos acesso a esses armários, portanto não tínhamos como guardar nosso material de apoio, até porque os armários fornecidos pelo programa ainda não haviam sido entregues.

Assim, contávamos com o material didático de apoio entregue pelo programa: mapa-múndi, cola, tesoura, lápis de cor, um quadro branco, apagador e pincel, tesouras, papel, barbante e outros itens que nos serviram e servem muito no cotidiano das aulas.

Sem espaço adequado para guardar esse material, foi preciso pensar em uma solução ainda que provisória para aquela situação. Foi então que logo no primeiro dia, antes de sair de casa, peguei meu carrinho de fazer compras e selecionei dentro da minha própria casa outros materiais de apoio que julguei pertinentes ao trabalho docente, ao tempo que imaginava que o carrinho serviria provisoriamente para guardar nosso material.

Verifiquei, então, aquela montanha de livros antigos usados pelos meus filhos durante o período escolar e que naquele momento não eram mais úteis a eles. Pensei na distância entre as oportunidades de aprendizagem disponibilizadas aos meus filhos e as oportunidades daqueles para os quais eu iria ser educadora. Separei os itens mais interessantes: revistas, jornais, livros de literatura, livros didáticos, mapas, atlas, livros de curiosidades, coleções

sobre o funcionamento do corpo humano, sobre os símbolos nacionais e tantos outros que enchi todo o meu carrinho ao final.

Pensei comigo: “Vamos montar um pequeno espaço de leitura onde os educandos possam se aproximar de textos interessantes e possam escolher, se quiserem, aqueles que lhe inspiraram curiosidade.

Eu estava verdadeiramente animada com tudo aquilo, ainda mais com a perspectiva de ter um espaço organizado para a realização das aulas. Lá fui eu com carrinho e tudo para meu primeiro dia em sala de aula, como educadora social, alfabetizadora de jovens e adultos.

Vamos ressaltar que nosso papel como educadoras do programa é antes de tudo voluntário, sem remuneração e fora da jornada de trabalho, ainda que haja o patrocínio e a coordenação do parceiro institucional.

Mas aquele dia não começou à noite na hora da aula. Aquele dia começou bem cedo, no ambiente do meu trabalho. Estava agendada para a primeira hora da manhã uma reunião na qual participaria a equipe de que faço parte e o diretor de nossa área, para tratar de assuntos de importância estratégica dos processos sob nossa condução.

Até aquele momento eu não havia conhecido meu diretor e penso ser comum sentir certa expectativa de estar diante de um superior hierárquico que, a qualquer momento, pode nos argüir com alguma pergunta sobre o trabalho que estamos desenvolvendo. Era assim que me sentia.

Entramos então nas dependências internas da Diretoria e ficamos na antessala aguardando nossa chamada para a reunião. Ambiente limpo, carpete aspirado, mobiliário padronizado, porém bem cuidado. A copa também era simples, mas muito limpa e organizada. Havia café, água filtrada, biscoitos e frutas: tudo bem arrumado. Silêncio respeitoso e espera.

Depois de certo tempo, chamam-nos a entrar no gabinete de nosso diretor. Cumprimentos feitos, percebo uma sala arejada, fresca, imponente, mas agradável, mesa de centro, mobiliário simples, mas confortável e cores padronizadas da empresa.

Apesar da expectativa de me apresentar ao meu diretor, sempre tive em mente que somos todos capazes de contribuir, de acordo com nossas possibilidades e espaços conquistados, em

busca de um melhor resultado, de uma ação positiva e construtiva seja em qualquer ambiente que estejamos.

Pois nesse mesmo dia, 12 horas depois, me vejo em sala de aula, com a mesma expectativa da manhã, com aquele sentimento de que posso contribuir com algo, de que posso fazer a diferença, de que tenho condições de conhecer novas pessoas e criar novos vínculos de confiança, assim como foi de manhã.

Situações aparentemente contrastantes devido à configuração do espaço físico ou aos diferentes graus de instrução das pessoas envolvidas, devido aos diversos papéis sociais que representam ou às diferentes oportunidades sociais que tiveram, enfim, devido às ricas possibilidades de experiência de vida de cada um.

Entretanto, nas duas situações pude observar a oportunidade de interagir com o outro, de sermos nós mesmos, de fazer acontecer, de tomar as rédeas de nosso percurso de vida. Todos nós estamos, de alguma forma, ligados por um objetivo maior de acertar, de crescer, de ganhar asas, de sermos autônomos, de sermos plenos.

Organizações só existem porque nós, seres humanos, existimos. É porque estamos em constante processo de aprendizagem que elas se sustentam ou não, de acordo com as direções tomadas e escolhas feitas pelos seus integrantes.

As dificuldades percebidas naquele primeiro dia de aula, quando precisamos andar várias vezes distâncias entre a sala de aula e a sala onde guardávamos o carrinho, as goteiras, a falta de iluminação adequada, a falta de armários, tudo isso não era maior do que a vontade daquelas pessoas que estavam ali para aprender.

Foi então que disse à Rosangela nossa frase de efeito que serviria muitas outras vezes ainda, até mesmo em nossas vidas pessoais: “Pior deve ter sido em Angicos”. Ela me olhou e imediatamente entendeu o que eu falava. O processo de alfabetização que se deu em Angicos, com Paulo Freire, em 1962, quando da alfabetização de 300 trabalhadores em 45 dias (BRANDÃO, 1981) no meio rural no interior do Rio Grande do Norte deve ter sido pela época, pelas condições de locomoção, pela ausência de infra-estrutura básica, pelo caráter inédito da ação, ainda mais difícil do que aquele momento que vivíamos.

Embora o mobiliário ainda não fosse o ideal, sabíamos que o programa reservava a cada núcleo a entrega de cadeiras apropriadas, armários, mesa do professor e cadeira. Sabíamos que poderíamos solicitar, com o tempo, assistência da instituição mantenedora ou da instituição parceira.

E assim, começamos nossa primeira aula, com todo o ânimo e inspiração de quando terminamos o curso CFA.

Então a realidade bate em nossa porta e nos convida a vivenciar tudo o que assimilamos na Faculdade, nas inúmeras aulas, nos projetos desenvolvidos, na escuta da experiência de colegas e professores. A riqueza da vivência do dia-a-dia é a maior prova da nossa capacidade de superação. A força daquelas pessoas se juntava à nossa força e, então, parecia que nada poderia nos afastar de nosso objetivo. E quantos objetivos e sonhos estavam em cena naquele momento.

Dali em diante, todos os encontros revelavam gratas surpresas e novos desafios. Comecei a entender melhor o fato de que algumas práticas pedagógicas não possuíam “receita de bolo”. A habilidade do professor, sua sensibilidade, sua capacidade de análise a respeito das limitações e qualidades de cada educando, tudo isso, seria mesmo construído com a prática desafiadora do cotidiano.

Por muitas vezes, durante a realização das aulas, lembrava-me de conceitos e teorias aprendidos nos bancos da Faculdade que iam ao encontro das premissas do programa e que, de alguma forma, contribuía como facilitadores da aprendizagem.

O círculo de cultura sugerido na primeira aula, o texto coletivo construído na segunda aula, o planejamento baseado em palavras geradoras, a concepção de educação popular e o incentivo à participação dos sujeitos da aprendizagem, tudo isso perpassava nosso pensamento e influenciava nossas idéias quando planejávamos novas atividades.

A consulta ao “Diário de Bordo” e ao “Dialogando” (material de apoio e consulta aos educadores BB Educar) proporcionou a utilização de algumas atividades complementares e muito nos auxiliou como orientação e inspiração. Para inaugurar a aula de matemática, realizamos atividades de matematização com o dado do kit, apresentamos uma música e letra sobre os números, tudo na intenção de aproximar o conteúdo de matemática ao conteúdo de

língua materna, sensibilizar nossos educandos para o mundo maravilhoso dos números e sua aplicação.

Inicialmente nossa turma contava com 13 integrantes, mas a notícia sobre o início do curso despertou o interesse de outras pessoas da comunidade que nos procuravam perguntando se ainda era possível a inscrição.

Tendo em vista a desistência de alguns inscritos, fomos verificar a possibilidade de que outros interessados pudessem ingressar no programa e assim nossa turma aumentou para 19 pessoas.

E então como lidar com um grupo tão grande com tantas pessoas diferentes?

A prática docente exige de um bom alfabetizador: conhecimento pedagógico, sensibilidade, empatia, calma, perseverança, crença. Exige também formação acadêmica sólida e capacidade profissional para identificar transtornos de aprendizagem: perceber indícios de dificuldades psicomotoras ou de abstração, perceber indícios de lateralidade, dislexia, disgrafia, discalculia, déficit de atenção e hiperatividade, saber diferenciar dificuldades de aprendizagem e atrasos cognitivos muito significativos. Toda essa observação poderá subsidiar o trabalho especializado de psicólogos, neurologistas e psicopedagogos na intenção de colaborar para a melhor aprendizagem do educando.

Do mesmo modo, o profissional da educação deve estar bem preparado para identificar as instâncias de cognição do sujeito da aprendizagem, as fases de evolução da linguagem escrita segundo Emilia Ferreiro e tantas outras particularidades do processo de aprendizagem de cada educando.

Essa é a realidade pedagógica que os educadores encontram em seu cotidiano, pois invariavelmente se deparam com indivíduos únicos em suas particularidades, vivências e culturas.

Toda essa diversidade comum em uma sala de aula mostrou-se ainda mais presente em nossa turma cuja faixa etária varia entre 20 e 70 anos, cujo nível de escolaridade varia entre nenhum e até a antiga 4ª série, cujos papéis sociais variam entre mães e pais, donas de casa, aposentados, pedreiros, costureiras, marceneiros, moradores de rua, catadores de lixo, entre outros.

Esse está sendo o maior desafio! Saber coordenar todas essas diferentes necessidades, cuidando para não desmotivar o mais adiantado e não assustar aquele que inicia sua jornada de aprendizagem.

Também tenho reconhecido como grande desafio a análise dos diagnósticos fornecidos pelo programa e aplicados pelas educadoras na turma. Como se apresenta se extrema importância o domínio das categorias da leitura (Emilia Ferreira), a identificação da Zona de Desenvolvimento Real e Proximal (Vigotski), a sensibilidade para identificar dificuldades de participação em sala, de assiduidade, de locomoção e acesso à sala de aula, de buscar material para além daquele disponibilizado no programa.

Parece tudo muito complexo e realmente é. Mas também é prazeroso quando estou andando pela rua e encontro uma loja especializada em material didático e vejo quantas possibilidades ainda existem para chamar a atenção dos educandos, para instigar sua curiosidade, para fazê-los refletir sobre seu cotidiano e sua realidade.

Não deixa de ser um movimento de tentativa. É certo que direcionado, planejado e subsidiado por teorias e conhecimentos prévios, mas acima de tudo construído a cada dia.

Construído a partir da notícia trazida pelo “guardião da notícia” como um dia em que tivemos que repensar o tempo de uma atividade programada para durar apenas 15 minutos e que durou 1 hora. Foi o dia em o Sr. José nos relatou que a principal notícia do dia havia sido a destituição do Ministro dos Esportes. O círculo de cultura, ainda um pouco inseguro e tímido, se revelou posteriormente indignado com os últimos acontecimentos da cena política brasileira. Partimos para o resgate de outros casos semelhantes como o *impeachment* do ex-presidente Collor e do ex-governador Arruda, o escândalo do painel do Senado, as denúncias de mensalão no governo Lula, e tantos outros episódios estarrecedores e imorais da realidade brasileira.

Então como não dar vazão a toda essa discussão? Nesse momento, para que pensar no tempo previsto inicialmente para a atividade? Por que não aproveitar o momento e resgatar o sentido real da cidadania? Por que não discutir o relativo valor da “democracia” como possibilidade de ascensão social, a perturbadora distribuição de renda de nosso país, a origem da violência social e da exclusão social, a ausência de políticas públicas sérias e efetivas. Por que não questionar a continuidade da impunidade, a descrença em nossas instituições públicas, a

fragilidade das famílias, o abandono de nossas crianças e jovens desassistidos de saúde, escola, orientação e perspectivas de vida? Por que não discutir a apatia e a inversão de valores?

Momentos ricos como esse não têm preço e nem remuneração. Muito mais que isso, vejo ali um grupo participativo e reflexivo de pessoas indignadas, mas também sem saber o que fazer.

Então falamos de eleições, da ficha limpa, de representatividade social, de fiscalização social, de atuação nas comunidades, de buscar nossos sonhos, de sermos bons exemplos para nossos filhos, de sermos cidadãos e de conquistarmos nossa autonomia.

Esse é o ponto de interseção entre a teoria e a prática pedagógica. É o fazer de Paulo Freire. É o momento da dialogia e da reflexão.

Em seguida, readaptamos nosso cronograma sem prejuízo da atividade subsequente e demos continuidade à atividade de construção do texto coletivo. Voltamos às palavras geradoras da atividade 2 e todos participaram ativamente.

Pensei novamente na minha frase sobre Angicos e percebi que o processo de alfabetização de jovens e adultos cunhado nos princípios da educação popular e nas premissas de Paulo Freire pode ser trabalhoso e árduo, mas é extremamente gratificante e emancipador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos está marcada pela tentativa de um resgate social em relação àqueles sujeitos que, por diversos motivos, não tiveram a oportunidade de apreender o processo de leitura e escrita na idade escolar regular.

Trata-se de um público específico descrito oportunamente por Marta Kohl (1999) como “um grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea. O adulto, no âmbito da educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando.”

Nesse sentido, o tema é para mim apaixonante, pois possibilita a atuação docente no âmbito da promoção da autonomia, da cidadania, da orientação e reorientação profissional do sujeito da aprendizagem.

A escrita, enquanto representação social, e a leitura são processos indispensáveis para a emancipação do indivíduo enquanto cidadão. Quando do estudo da trajetória da educação de jovens e adultos e, por óbvio, diante das estatísticas estarrecedoras a respeito da quantidade de analfabetos no Brasil, torna-se transparente a importância da atuação do educador popular, alfabetizador, para contribuir com o grau de maturidade social de um país.

Atualmente, a formação requerida socialmente exige o cidadão leitor-escritor, e além disso, a formação do indivíduo capaz de aprender a aprender, citando Edgar Morin em uma de suas perspectivas da educação para o futuro.

O planejamento de ensino, portanto, carece de olhar especial sobre esse sujeito citado por Marta Kohl, assim como toda a organização e estrutura institucional que suportam as ações e políticas públicas sobre o assunto.

Estamos tratando não de uma criança que não aprendeu, mas de um jovem ou adulto que foi excluído, em algum momento, do processo de formação escolar regular.

A EJA representa um direito social, uma condição de emancipação e de leitura de mundo: a comunicação escrita, a leitura crítica, o acesso a informações importantes, o acesso às mídias digitais, aos conteúdos jornalísticos, à formação profissional e à própria construção da cultura em que esse indivíduo está inserido.

A alfabetização, então, vai além da apreensão da escrita e da leitura. Abre as portas para o novo e para a intervenção na realidade.

Em especial, o BB Educar proporciona mais uma possibilidade de facilitar o acesso ao ensino formal e, por consequência, acesso aos instrumentos institucionais reconhecidos pelos Conselhos Educacionais (Certificados e Diplomas).

Dessa forma, a educação de jovens e adultos (EJA) traduz uma perspectiva histórico-cultural, de luta social pela representatividade do sujeito e pelo caráter político da educação.

Minhas inquietações sobre o assunto tornam-se abrandadas pela prática docente e pela possibilidade real de transformação da realidade social em que me encontro. Essas mudanças ocorrem de dentro para fora e por serem tão marcantes tornam-se tão especiais.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS E FORMAÇÃO CONTINUADA

Ao resgatar toda minha trajetória acadêmica na Faculdade de Educação meus erros, tropeços e acertos, sinto-me de alma lavada. Foram 23 anos adiando um objetivo e isso é uma vida. Foi assim que o tema Educação perpassou todo o meu caminho. Hoje, ao concluir o curso, por óbvio, estou mais madura e também mais convicta que fiz a opção correta. Não me arrependo de não ter optado direto por um mestrado, uma vez que já possuo graduação em Administração. Percebo o quanto foi importante vivenciar todo o curso de graduação.

Tenho a expectativa de continuar meus estudos na área de Educação, talvez um Mestrado aqui mesmo na Faculdade de Educação ou uma Especialização.

Também tenho intenção de prestar novo concurso público para o Tribunal de Contas da União na especialidade Gestão de Pessoas – Educação Corporativa. Outra perspectiva que coloco como possibilidade é prestar concurso para a Secretaria de Educação do Distrito Federal para atuar na área de educação de jovens e adultos.

E já que estamos falando mesmo de intenções, devo registrar meu interesse na carreira de Gestor Público, cargo da esfera administrativa federal, no meu caso, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, em especial tratando de políticas públicas na educação de jovens e adultos.

Por enquanto todas essas intenções são de médio a longo prazo.

Contudo, tenho certeza de que continuarei atuando como alfabetizadora de jovens e adultos do BB Educar, caso obtenha aprovação após finalizado todo o ciclo 2011. Sinto que posso contribuir mais e melhor e sei também que a cada dia a prática docente me fortalecerá ainda mais e tudo o que eu aprender com meus educandos também me ajudará a me formar como professora e como ser humano.

Não me preocupo muito nesse momento com esse olhar para o futuro, visto que estou imensamente feliz por estar concluindo uma fase de minha vida. Entretanto, sinto o quanto é importante o exemplo que suponho estar dando aos meus amados filhos, visto que os exemplos ensinam mais que as palavras. Falo dessa perspectiva social com a qual me sinto atrelada desde menina.

A beleza de perceber que um assunto foi compreendido ou que o educando alcançou novos níveis de conhecimento é por si só gratificante. Assim como também é gratificante contribuir para a construção da autonomia dos sujeitos dessa aprendizagem.

Aos meus filhos desejo a felicidade e a completude de ser alguém em busca de dias melhores não só para eles mesmos, mas para aqueles ilustres desconhecidos que nada mais são do que nossos irmãos.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, Celso. **Glossário para educadores (as)**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. 2000. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proeja_parecer11_2000.pdf>

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?t=3&z=t&o=22&u1=1&u2=1&u4=1&u5=1&u6=1&u3=34>>.

CANDAU, Vera Maria. **Cultura (s) e educação Entre o Crítico e o Pós-Crítico**. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005

CARRARA, Kester (org.). **Introdução a Psicologia da Educação – Seis Abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004

COSTA, Marco Antonio e COSTA M. Fátima. **Projeto de Pesquisa - Entenda e faça**. Petrópolis: Vozes, 2011-12-11

DIRETORIA GESTÃO DE PESSOAS. **Proposta Político-pedagógica para atuação em gestão de pessoas**. Brasília, 2008

FERRERO, Emilia: **Reflexões sobre Alfabetização**, São Paulo: Cortez, 2010

FERRETI, Celso João e Ou. **Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: Um Debate multidisciplinar**. Ed. Vozes. Petrópolis 2003

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Ed. Paz e Terra. São Paulo. 1979

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GAGLIARI, Luis. **Alfabetização sem BA-BE-BIK-BO-BU**. São Paulo. Scipione, 1999

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991

<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=91>, visitado em 07/10/2011

JAJPIASSÚ, Hilton, MARCONDES Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**.- 5. Ed. – Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor Ltda. 2008

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. – 20 ed. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro. Ed., 2006

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **“Plano Decenal de Educação para Todos” (verbete)**. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** – EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a Escola**. São Paulo: Ed. Ática, 1990

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação, Nr.12, 1999

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

RIOS, Terezinha Azeredo: **Ética e Competência**. São Paulo: Cortez, 2008

SAVIANI, Demercal: **Escola e Democracia**. Campinas: Ed. Autores Associados, 1993

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**., 1. Ed – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, Nr. 25, 2004

UNIVERSIDADE CORPORATIVA BANCO DO BRASIL. **Fundamentos da Prática Educativa no BB.**

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual.** São Paulo: Callis Ed., 2009

WORCMAN, Karen. **A História da Fundação Banco do Brasil – Realizar Sonhos, Transformar Realidades.** 1.ed, São Paulo. Fundação Banco do Brasil, 2007

XAVIER, Liduína Benigno – **Texto e Organização. Itinerários da Educação no Banco do Brasil.** Brasília: Universidade Corporativa Banco do Brasil. Banco do Brasil, 2007

APÊNDICE

Figura 1 - Sala de aula EJA

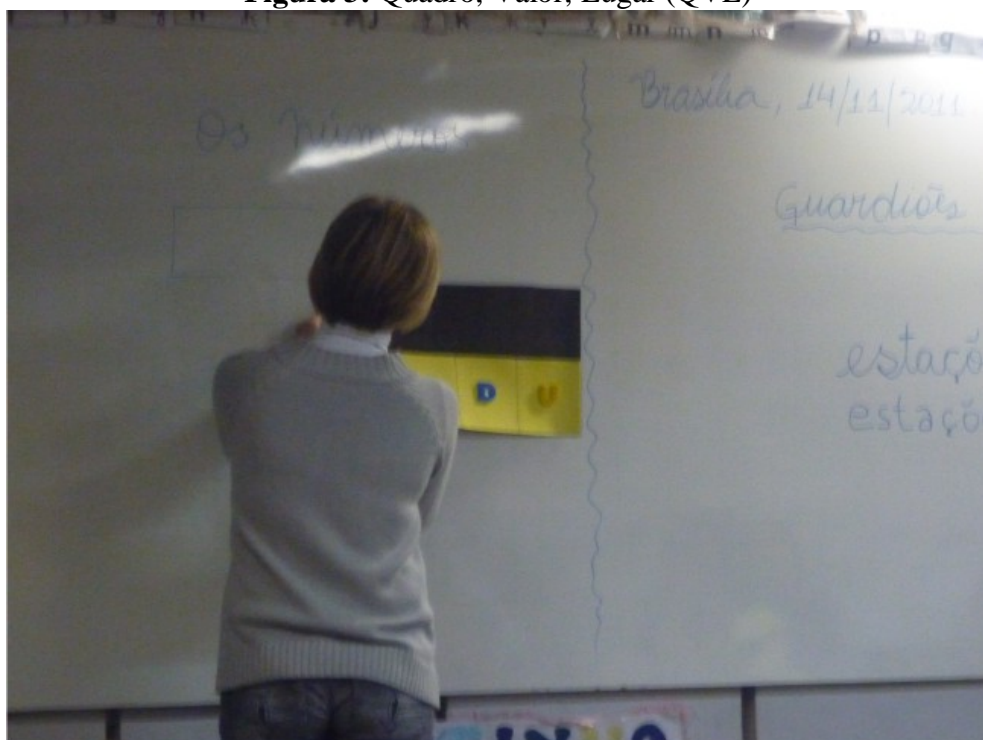


Fonte: Pesquisa de Campo

Figura 2: Fichas do Alfabeto Móvel – BB Educar



Fonte: Pesquisa de Campo

Figura 3: Quadro, Valor, Lugar (QVL)

Fonte: Pesquisa de Campo

Figura 4: Falando das profissões

Fonte: Pesquisa de campo

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS EDUCADORES DO BB EDUCAR

1. Qual foi sua trajetória até ser chamado para participar como educador do BB Educar?

Concluí meu curso de licenciatura plena em matemática, pela Universidade Federal de Mato Grosso, em 1993, ano em que também ingressei em uma Instituição Bancária governamental. Durante o primeiro ano de serviço bancário consegui lecionar aulas de matemática numa escola particular, depois disso se tornou impossível, momento em que tive de tomar a decisão, então optei pelo banco, considerando as vantagens financeiras. Tomei posse no banco no interior de Mato Grosso, cidade que meu pai ajudou a fundar em 1988. Após dois anos na agência de Juína-MT eu fui transferida para a agência e cidade de Primavera do Leste-MT, onde permaneci por cerca de 12 anos. Em 2007 segui para a capital Cuiabá onde trabalhei na superintendência. Desde 2009 estou na capital federal, trabalhando na diretoria de agronegócios.

2. Quais foram suas motivações para se tornar educador voluntário do BB Educar?

Primeiramente pelo desejo de servir, de ser útil e por acreditar que tenho algo a oferecer àqueles que são ou foram menos favorecidos. Por acreditar que a nossa sociedade pode ser melhor, e que para isso é inevitável que haja investimentos na educação, então, quando o projeto BB Educar iniciou o processo de seleção eu entendi que era o momento de me envolver e fazer a minha parte.

3. Qual sua formação acadêmica? Você já tinha alguma experiência com alfabetização de adultos?

Como disse anteriormente, sou formada em licenciatura plena em matemática. Minha experiência em sala de aula se limita ao período de estágio, onde lecionei para jovens no segundo grau e posteriormente, também com adolescentes em classes de primeiro e segundo anos do segundo graus.

4. Quais as dificuldades mais significativas você enfrentou desde a formação no curso CFA?

A formação da turma, a sala de aula em condições precárias de iluminação, pois as aulas ocorrem no período noturno. A demora no envio do mobiliário e também da entrega dos

óculos aos alunos e a indefinição quanto as consultas dos alunos que não estavam presentes na primeira consulta.

5. Quais recursos didáticos você tem utilizado no planejamento de suas aulas?

Basicamente o livro fornecido pelo projeto BB Educar, o Dialogando e sugestões compartilhadas por outros educadores do projeto.

6. Qual o perfil dos participantes de sua turma? Gênero, faixa etária, profissão, nível de escolaridade.

Predominantemente formada por mulheres, faixa etária bastante diversificada, variando entre 20 e 60 anos. As mulheres são na maioria do lar ou auxiliares domésticas, os homens trabalham em serviços manuais, como serventes, marceneiros, jardineiros. Quanto ao nível de escolaridade eu diria que, muito embora alguns informem que já estiveram na terceira ou quarta série, o nível de conhecimento ainda encontra-se em fase primária.

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO

ENTRE OS ALFABETIZANDOS DO BB EDUCAR

Sexo: Masculino Idade: 45

1. Você participou de outros programas de alfabetização de adultos? Quando? Onde?

Não. Essa é a primeira vez.

2. Quais são suas expectativas sobre o Programa BB Educar?

Aprender mais sobre muitos assuntos, fazer amizades, conhecer pessoas novas.

3. Em que medida os materiais pedagógicos fornecidos pelo Programa ajudou no progresso de sua aprendizagem?

O material é muito importante para se aprender bem. Também é bom porque não há gasto para o aluno.

4. Você enfrenta dificuldades para freqüentar as aulas do Programa? Quais?

De um modo geral, não. Venho a pé. Entretanto sinto dores na perna quando ando muito. Tenho artrose e estou de licença-saúde pelo INSS há muitos meses. No frio dói ainda mais.

5. Você se sente incentivado pelos seus familiares e amigos em participar do BB Educar?

Sim. Pela minha filha e minha esposa.

6. Você percebe o espaço de aprendizagem (instalações da escola) como oportunidade de troca de conhecimentos?

Sim porque aprendo com os outros e conheço mundos diferentes.

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO

ENTRE OS ALFABETIZANDOS DO BB EDUCAR

Sexo: Feminino Idade: 57

1. Você participou de outros programas de alfabetização de adultos? Quando? Onde?

Já. Aqui mesmo em uma EJA da rede pública Centro de Ensino da Vila Planalto.

2. Quais são suas expectativas sobre o Programa BB Educar?

O objetivo é aprender a ler e escrever de forma mais rápida, pois quando vou escrever somem as letras e as palavras, não sei representar as palavras.

3. Em que medida os materiais pedagógicos fornecidos pelo Programa ajudou no progresso de sua aprendizagem?

Foi ótimo.

4. Você enfrenta dificuldades para freqüentar as aulas do Programa? Quais?

Não porque mora bem pertinho, vem a pé.

5. Você se sente incentivado pelos seus familiares e amigos em participar do BB Educar?

Não. Eles nem sabem que eu faço esse curso. Eu venho por conta própria.

6. Você percebe o espaço de aprendizagem (instalações da escola) como oportunidade de troca de conhecimentos?

Cada um tem algo a ensinar. Eu posso ensinar a fazer um bolo pra você e você pode me ensinar a ler. A gente ouve, fala e aprende palavras novas com os colegas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO

ENTRE OS ALFABETIZANDOS DO BB EDUCAR

Sexo: Feminino Idade: 44

1. Você participou de outros programas de alfabetização de adultos? Quando? Onde?

Sim. Há 10 anos atrás em outra iniciativa do BB Educar.

2. Quais são suas expectativas sobre o Programa BB Educar?

Aprender a ler e escrever corretamente.

3. Em que medida os materiais pedagógicos fornecidos pelo Programa ajudou no progresso de sua aprendizagem?

São muito bons com certeza. Eu tenho usado muito em casa.

4. Você enfrenta dificuldades para freqüentar as aulas do Programa? Quais?

Não tenho.

5. Você se sente incentivado pelos seus familiares e amigos em participar do BB Educar?

Sim, pelos filhos, inclusive eles ajudam muito.

6. Você percebe o espaço de aprendizagem (instalações da escola) como oportunidade de troca de conhecimentos?

Como eu me contento com pouco, acho que o espaço é bom. Gosto de encontrar os colegas, pegar livros para ler e aprender.

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO

ENTRE OS ALFABETIZANDOS DO BB EDUCAR

Sexo: Feminino Idade: 28

1. Você participou de outros programas de alfabetização de adultos? Quando? Onde?

Não. Esse é o primeiro colégio que frequenta.

2. Quais são suas expectativas sobre o Programa BB Educar?

Ler para poder arrumar um serviço e comprar uma casa.

3. Em que medida os materiais pedagógicos fornecidos pelo Programa ajudou no progresso de sua aprendizagem?

É bom porque eu posso estudar em casa.

4. Você enfrenta dificuldades para frequentar as aulas do Programa? Quais?

Só quando o marido sai para trabalhar e os filhos ficam sozinhos. E também quando sente muitas dores (reumatismo), mas vem mesmo assim.

5. Você se sente incentivado pelos seus familiares e amigos em participar do BB Educar?

Sim. Minha família me incentiva muito.

6. Você percebe o espaço de aprendizagem (instalações da escola) como oportunidade de troca de conhecimentos?

Sim porque também aprendo conversando com os colegas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO

ENTRE OS ALFABETIZANDOS DO BB EDUCAR

Sexo: Feminino Idade: 52

1. Você participou de outros programas de alfabetização de adultos? Quando? Onde?

Não. Frequentei o ensino regular quando criança. Cursei até a 4ª série (atual 5º ano). Depois disso, só essa vez na Vila Planalto com vocês.

2. Quais são suas expectativas sobre o Programa BB Educar?

Quero aprender mais para ajudar os bisnetos.

3. Em que medida os materiais pedagógicos fornecidos pelo Programa ajudou no progresso de sua aprendizagem?

Está ajudando sim.

4. Você enfrenta dificuldades para frequentar as aulas do Programa? Quais?

Não, pois moro em frente da escola e não tenho dificuldades para frequentar as aulas.

5. Você se sente incentivado pelos seus familiares e amigos em participar do BB Educar?

Ninguém se pronuncia lá em casa. Eles nem sabem que dias venho aqui. Só o meu neto de 9 anos é que diz algo.

6. Você percebe o espaço de aprendizagem (instalações da escola) como oportunidade de troca de conhecimentos?

Os colegas são legais e aprendo muito com eles.